

FABIO ATTARD – MIGUEL ÁNGEL GARCÍA

# O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana  
a serviço dos jovens

Tradução:  
P. José Antenor Velho



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

A883c Attard, Fábio

O acompanhamento espiritual: Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens. - L'Accompagnamento Spirituale - Itinerario pedagogico spirituale in chiave salesiana al servizio dei giovani / Fábio Attard; Miguel Ángel García; Tradução P. José Antenor Velho. -- Brasília, DF: EDB, 2015.

436 p.; 23,5 x 16,5 cm  
– (Espiritualidade e Pedagogia Salesiana)  
Inclui referências bibliográficas

ISBN: 978-85-7741-276-1

1. Salesianos - Vida espiritual. 2. Direção espiritual. 3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 - Ensinaamentos. 4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622. 5. Vida cristã. 6. Fé I. Ángel García, Miguel. II. Velho, P. José Antenor, trad. III. Título. IV. Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens.

CDD 248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Salesianos - Vida espiritual
2. Direção espiritual
3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 – Ensinaamentos
4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622
5. Vida cristã
6. Fé

Revisão : Zeneida Cereja da Silva  
Diagramação: Helkton Gomes

Todos os direitos reservados à  
EDITORA DOM BOSCO  
SHCS - Quadra 505, Bloco B, sala 65  
Asa Sul - Brasília-DF-70350-525  
Tel.: (61) 3214-2300  
[www.edbbrasil.org.br](http://www.edbbrasil.org.br)

# A PESSOA DO DIRETOR ESPIRITUAL SEGUNDO SÃO FRANCISCO DE SALES

Józef STRUŚ, sdb

“*O homem, o pensamento, a ação*” é o subtítulo de uma importante obra de um historiador<sup>1</sup> que, em suas pesquisas, esteve atento a todas as possíveis fontes para colher a verdade de S. Francisco de Sales no contexto do seu tempo. Apesar dos resultados dessa pesquisa bem documentada e das de outros estudiosos de S. Francisco de Sales,<sup>2</sup> é difícil fazer uma leitura da sua pessoa enquanto diretor espiritual.

Os dados disponíveis para essa leitura são parciais, tanto da parte do próprio S. Francisco de Sales, como de seus contemporâneos. Nesta situação de escassez documentária tem-se a impressão de que falar da pessoa do diretor espiritual em S. Francisco de Sales seria mais fácil se ao menos pudéssemos conhecer o seu conceito de pessoa. Infelizmente, não encontramos nada sobre o tema em seus escritos, embora em grande parte completos e bem editados.<sup>3</sup> Acrescenta-se a esta dificuldade o fato de ele, apresentado frequentemente por muitos admiradores como figura de grande diretor espiritual, até hoje não tenha sido objeto de uma reflexão atenta ao conjunto da sua ação concreta de direção espiritual. E, mais ainda, falta uma história da direção espiritual que o apresente no contexto de outros diretores espirituais.<sup>4</sup> Às vezes, a grandeza de S. Francisco de Sales,

<sup>1</sup> E. J. LAJEUNIE, *Saint François de Sales. L'Homme, la Pensée, l'Action*, Paris, Éditions Guy Victor 1966, vol. I, 532 pp. ; vol. II, 490 pp.

<sup>2</sup> A referência vai, de modo especial, a A. RAVIER, *Un sage et un saint. François de Sales*, Paris, Nouvelle Cité 1985, 249 pp. e G. PAPÁSOGLI, *Come piace a Dio. Francesco di Sales e la sua "grande figlia"*, Roma, Città Nuova Editrice 1985, 573 pp.

<sup>3</sup> Está presente, porém, o tema “homem” sob os seguintes aspectos: o “homem em si mesmo”, o “homem em relação ao mundo”, o “homem diante de Deus”.

<sup>4</sup> Esta necessidade não foi satisfeita nem mesmo com a recente *Storia della Direzione Spirituale*, de Giovanni FILORAMO (ed.) da Editora Morcelliana, que publicou em 2006 o vol. I - *L'età antica*, em 2008 o vol. III - *L'età moderna*, em 2010 o vol. II - *L'età medievale*. Nem mesmo o III volume (edição de Gabriella Zarri) que nos interessa de modo particular pela época da qual se ocupa e pela contribuição dedicada a S. Francisco de Sales, fez outra coisa senão recolher algumas histórias e experiências de direção espiritual. Em relação ao que se encontra sobre S. Francisco de Sales é difícil

enquanto diretor espiritual, não se apoia no conhecimento das fontes e da literatura autorizada. Consequentemente, a sua popularidade no campo da direção espiritual deve-se mais ao “ouvir dizer”.

Tendo a intenção de chegar ao ensinamento espiritual de S. Francisco de Sales, é necessário passar através da sua rica herança literária. Primeiramente, deve-se dar atenção às suas cartas de direção espiritual.<sup>5</sup> Na história da direção espiritual ele, de fato, faz parte do grupo de diretores espirituais que souberam desfrutar do gênero epistolar como instrumento de comunicação.<sup>6</sup> Com suas cartas, também devem ser considerados os volumes dedicados ao progresso que o homem é chamado a fazer na vida espiritual: *Introdução à Vida devota* (Filoteia) e *Tratado do Amor de Deus* (Teótimo).

Para uma leitura da pessoa do diretor espiritual em S. Francisco de Sales, enumera-se entre as dificuldades objetivas também o fato de, salvo poucas exceções, continuarem desconhecidos os inícios da direção espiritual seguida por ele. Conhecemos muitas histórias pessoais desta direção espiritual quando já tinham sido iniciadas. Consequentemente, não temos a possibilidade de colher o momento preciso em que ele iniciava o processo de direção espiritual.

Ao fazer uma leitura da pessoa de S. Francisco de Sales diretor espiritual, é necessário levar em conta o fato de ele, sacerdote e bispo ser ao mesmo tempo pregador, confessor, diretor e autor espiritual, fundador de um instituto de vida religiosa, conselheiro espiritual (reformador) de outros institutos de vida religiosa.<sup>7</sup> Consequentemente, a sua pessoa de diretor espiritual como tal deve ser encontrada não só quando acompanha espiritualmente e reza pelas pessoas que

---

considerar representativo do seu trabalho de diretor espiritual. Cf. Anna SCATTIGNO, “*Di due un cuore solo*”. *François de Sales e Jeanne de Chantal*, in Giovanni FILORAMO (ed.), *Storia della direzione spirituale*. Vol. III, *L'età moderna*, ed. por G. ZARRI, Brescia, Morcelliana, 355-383.

<sup>5</sup> Seus escritos são recolhidos nos 26 volumes da edição *Œuvres de saint François de Sales. Évêque et Prince de Genève et Docteur de l'Église*. Édition complète. Publiée... par les soins des Religieuses de la Visitation du 1er Monastère d'Annecy, Annecy 1892-1932. As Cartas ocupam os volumes de XI a XXI. De acordo com esta edição são aqui citados os escritos de S. Francisco de Sales, indicando o título do escrito, em: *OEA* com o número do volume correspondente e a página de que se trata.

<sup>6</sup> Uma informação sobre alguns diretores espirituais que se serviram de cartas no acompanhamento das pessoas pelos caminhos espirituais pode ser encontrada em Raoul Plus, *La direction d'après les maîtres spirituels*, Editions Spes, Paris 1933. O livro oferece estas informações só indiretamente. Seu objetivo principal é expor problemas relacionados com o sentido da direção espiritual.

<sup>7</sup> Sem descer a detalhes, que neste campo se referem a algumas de suas iniciativas, veja-se a exigência devida à falta de espírito religioso e da correspondente disciplina nos diversos mosteiros de sua diocese, que apresentou respectivamente ao Papa e ao Duque de Saboia: Carta a *sa sainteté Clément VIII*, Annecy, 27 octobre 1604, in *OEA XII*, 371-374; Carta *au duc de Savoie, Charles-Emmanuel Ier*, Annecy, 27 octobre 1604, in *OEA XII*, 374-375.

a ele se dirigem, mas também quando celebra os sacramentos, prega, confessa, escreve. Este esclarecimento recorda que no caso da direção espiritual dada por ele é preciso ter presentes:

- a identidade sacerdotal, normalmente não exigida como condição para ser diretor espiritual;
- a possibilidade da formação comunitária, quando lhe era possível.

Para algumas questões específicas relativas tanto aos esforços da oração mental quanto à identidade do ministério de diretor espiritual, sabemos que S. Francisco de Sales frequentou com prazer a escola de S. Teresa de Ávila. Mencionada muitas vezes em seus escritos, a Santa era para ele ponto autorizado de referência enquanto diretor espiritual iluminado. Ele, por exemplo, bebia do seu ensinamento quando se pronunciava sobre a unicidade da direção espiritual. Como ela, S. Francisco de Sales era do parecer de que, em casos específicos, nada impede que as pessoas em direção recorram ao parecer de diversos guias espirituais. Seguindo o ensinamento da Santa, ele recordava que esses pareceres devem ser submetidos ao julgamento do próprio diretor espiritual e a pessoa interessada deveria adequar-se às suas orientações.<sup>8</sup>

## 1. PRESSUPOSTO TEOLÓGICO DO TEMA

É indispensável acenar à meta da direção espiritual. Conhecendo a finalidade do itinerário espiritual ao longo do qual S. Francisco de Sales acompanha as pessoas, colheremos mais facilmente a originalidade da sua mesma pessoa dedicada a este ministério:

“Tendes um grande desejo da perfeição cristã. Este desejo é o mais generoso que podeis ter. Nutri-o, portanto, e fazei-o crescer a cada dia. Os meios com que se deve chegar à perfeição são diversos, conforme a vocação de cada um: religiosos, viúvas e casados, todos devem buscar a perfeição, mas nem todos do mesmo modo. A vós, senhora, que sois casada, os meios são a união com Deus e a união com o próximo, com tudo o que estas uniões comportam”.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Cf. Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 24 juin 1604, in *OEA XII*, 282-288.

<sup>9</sup> Carta à *la présidente Brulart*, Annecy, 3 mai 1604, in *OEA XII*, 268.

“Conservai sempre [...] a coragem de crescer continuamente no amor de Deus”.<sup>10</sup>

“Basta ser determinado na busca da perfeição do amor divino, de modo que o amor seja perfeito, pois o amor que busca qualquer outra coisa inferior à perfeição, não pode ser perfeito”.<sup>11</sup>

“A vossa alma comporta-se muito bem, pois pretende avançar no santo amor de nosso Senhor [...]. E assim como o amor não vive senão na paz, tende sempre o cuidado de conservar a santa tranquilidade do coração, que vos recomendo tão frequentemente. Somos bem afortunados, [...] quando temos sofrimentos, aflições e contrariedades: se os soubermos consagrar a Deus, são caminhos do céu”.<sup>12</sup>

“[...] amo-vos e honro-vos perfeitamente, dado que agradou a nosso Senhor fazer-me ver o vosso coração e, nele, o santo desejo de amar constantemente a divina Bondade [...]. Crede-me bem [...], que se minhas recomendações forem acolhidas, progredireis continuamente neste santo amor, porque jamais me esquecerei de suplicá-lo de Deus e de oferecer-lhe muitos sacrifícios com esta intenção”.<sup>13</sup>

A esta apresentação da meta da direção espiritual, feita com palavras de S. Francisco de Sales, deve-se unir uma nota sobre os dois principais impedimentos que retardam o progresso no amor de Deus e, no pior dos casos, tornam-no inútil. A experiência ensina que o caráter nocivo desses impedimentos diminui nas pessoas a força interior com que decidiram seguir em tudo a vontade de Deus. Os esclarecimentos dados por S. Francisco de Sales sobre esse tema são úteis tanto para o conteúdo teológico e ascético do autêntico itinerário espiritual que exprimem, quanto porque são adequados para sustentar as pessoas em seu desejo de progredir espiritualmente.

O primeiro impedimento faz-se sentir quando as pessoas decidem percorrer o itinerário da santidade no modo não indicado pela vontade de Deus, mas segundo as convicções pessoais. Isso acontece quando estas pessoas mudam a própria vocação, ou o lugar de trabalho, sem um necessário discernimento espiritual. É digno de nota o fato que, dos esclarecimentos aqui apresentados, provoca-

<sup>10</sup> Carta à madame de Charmois, Saint-Rambert, 21 août 1608, in *OEA* XIV, 59.

<sup>11</sup> Carta à la baronne de Thorens, sa belle-sœur, Viuz-en-Sallaz, 30 juin 1617, in *OEA* XVIII, 35.

<sup>12</sup> Carta à la présidente Favre, Annecy, 18 novembre 1612, in *OEA* XV, 301-302.

<sup>13</sup> Carta à madame Angélique Arnauld, Abbess de Port-Royal à Maubisson, Paris, 26 avril 1619, in *OEA* XVIII, 368-369.

dos pelas tentações recordadas há pouco, as primeiras quatro explicações foram dirigidas à mesma destinatária; a quinta é endereçada a um sacerdote:

“[...] É preciso procurar conhecer o que Deus quer e, uma vez conhecido, procurar fazê-lo com alegria ou ao menos com coragem. Isso, porém, não basta. É preciso amar a vontade de Deus e a obrigação que ela supõe em nós, fosse mesmo a de cuidar dos porcos ou realizar os atos mais humildes por toda a vida [...]. Eu sempre temo que, nestes desejos que não são essenciais para a nossa salvação e perfeição, esconda-se algum elemento do nosso amor próprio e da nossa vontade [...]”.<sup>14</sup>

“Confirmai-vos, cada dia mais, na resolução que tomastes com tanto amor, de servir a Deus segundo o seu beneplácito e ser inteiramente sua, sem reservar absolutamente nada para vós. Abraçai a sua vontade, como ela se apresentar, e jamais pensai ter alcançado a pureza de coração que lhe deveis oferecer até que a vossa vontade seja não só de tudo, mas também em tudo, até mesmo nas coisas mais repugnantes, submetida livre e alegremente à sua vontade santíssima. E, para chegar a isso, não dai importância às aparências das coisas, mas dai atenção Àquele que as ordena”.<sup>15</sup>

“Sejamos aquilo que Deus quer, dado que somos propriedade sua; e não sejamos aquilo que nós queremos contra a sua vontade porque, mesmo que fôssemos as mais belas criaturas do céu, de que nos haveria de servir, se não vivermos de acordo com a vontade de Deus?”<sup>16</sup>

“[...] não se deve julgar as coisas segundo o nosso gosto, mas segundo o gosto de Deus. [...] se formos santos segundo a nossa vontade, jamais seremos santos como se deve: devemos sê-lo conforme a vontade de Deus [...]”.<sup>17</sup>

“Digo-vos, de novo, insistentemente, que deveis servir a Deus onde vos encontrais *et facere quod facis*. Não, meu caro Irmão, que eu deseje impedir-vos a multiplicação das práticas de piedade ou a contínua purificação do vosso coração, mas *fac quod facis, et melius quam non facis*. [...] Crede-me: permaneci no lugar em que vos encontrais, fazei livremente tudo o que vos é moralmente possível e vereis que, *si crederis, videbis gloriam Dei*. E, se quereis fazer o bem, considerai como tentação todas as sugestões de mudar do lugar

<sup>14</sup> Carta à la présidente Brulart, [La Roche, mars] 1605, in *OEA XIII*, 20-21.

<sup>15</sup> Carta à la présidente Brulart, [sem local], vers le 20 avril 1605, in *OEA XIII*, 38-39.

<sup>16</sup> Carta à la présidente Brulart, Annecy, 10 juin 1605, in *OEA XIII*, 54.

<sup>17</sup> Carta à la présidente Brulart, [senza lugar], Mi-septembre 1606, in *OEA XIII*, 214.

que podeis receber, pois, enquanto o vosso espírito estiver voltado para outro lugar diferente daquele que ocupais, ele jamais se concentrará bem, e não fareis com proveito o que estais a fazer”.<sup>18</sup>

O segundo impedimento, relacionado com o precedente, nasce da propensão a querer santificar-se segundo as próprias regras, o que revela a convicção de que para alcançar a meta da direção espiritual, é possível acelerar o ritmo do caminho e, portanto, reduzir os tempos de espera:

“A purificação [...] só acontece gradualmente, de uma melhora a outra, de um progresso ao outro, com esforço e tempo...”.<sup>19</sup>

“[...] não é possível chegar aonde aspirais num dia: é preciso conquistar hoje este ponto, amanhã o outro, e assim, um passo depois do outro, chegaremos a ser senhores de nós mesmos; e não será uma pequena conquista”.<sup>20</sup>

“[...] sei que tendes sempre no coração a imutável resolução de viver inteiramente para Deus; mas sei também que a vossa grande atividade natural vos faz experimentar uma grande variedade de impulsos. Oh, não [...], vo-lo peço: não acrediteis que a obra que iniciamos em vós possa ser concluída em pouco tempo. As cerejas dão logo os seus frutos, porque os seus frutos não são senão cerejas que duram pouco [...]; uma vida medíocre pode ser adquirida em um ano, mas a perfeição à qual aspiramos [...] pode vir, supondo que venha pela via ordinária, apenas em muitos anos”.<sup>21</sup>

“[...] não vos admireis, se ainda não notais qualquer melhora em vossas questões espirituais ou temporais. Nem todas as árvores [...] frutificam na mesma estação: as que produzem frutos melhores amadurecem-nos sempre mais tarde... Deus escondeu no segredo da sua Providência o tempo em que entende atender-vos e o modo com que vos atenderá; e, talvez, vos atenderá de modo excelente não vos atendendo segundo os vossos planos, mas segundo os dele”.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Carta à m. *Étienne Dunant, curé de Gex*, Sales, 25 septembre 1608, *OEA* XIV, 66-67.

<sup>19</sup> *Introduction à la Vie dévote*, in *OEA* III, 26.

<sup>20</sup> Carta à *madame de Limojon*, Annecy, 28 juin 1605, in *OEA* XIII, 58-59.

<sup>21</sup> Carta à *madame Angélique Arnauld, abbesse de Port-Royal à Maubuisson*, Annecy, 16 décembre 1619, in *OEA* XIX, 74-75.

<sup>22</sup> Carta à *une Dame de Paris*, Annecy, 20 septembre 1621, in *OEA* XX, 148.

## 2. FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DE S. FRANCISCO DE SALES

### 2.1. Itinerário da vida espiritual

Seria impossível percorrer passo a passo o processo de formação da personalidade de S. Francisco de Sales, devido ao tipo de fontes que se possuem. Segundo algumas notas escritas como jovem estudante, podemos entrever, porém, alguns de seus grandes momentos na vida espiritual. Como tais, devem-se enumerar as várias regras de vida que ele criou para si e os subsídios espirituais que elaborou, e nos quais se percebe o clima religioso que o atraía.<sup>23</sup> No contexto da leitura que estamos fazendo, não se toma em consideração o seu rendimento escolar e acadêmico, porque os resultados alcançados foram ótimos e notificados sem demora.

Quanto ao processo de desenvolvimento da sua personalidade, lançam um facho de luz as poucas informações que, embora concisas, nos dizem algo sobre seus pais e irmãos, juntamente com o seu itinerário de desenvolvimento humano, espiritual e intelectual. Acreditamos que uma anotação histórica sobre seus pais, embora breve, é de grande significado para o papel que tiveram na crescente personalidade do filho.

Na história de cada homem e mulher, as raízes afetivas postas à base da sua posterior relação com os homens têm um peso significativo. Isso acontece particularmente na infância e na pré-adolescência. Em seguida, estas raízes poderão servir de ajuda ou de obstáculo também na relação que o indivíduo viverá com Deus. A base afetiva é igualmente importante para a educação humana e religiosa da pessoa. Segundo o que conseguimos apreender dos biógrafos de S. Francisco de Sales e de seus acenos pessoais, embora muito raros, ele viveu uma relação intensa e estável com seus pais.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Cf. *Règles pour la réception de la sainte Communion. La Communion spirituelle (avant 1586)*, in *OEA XXII*, 11-13; *Fragment d'écrit intimes se rapportant à la tentation de désespoir 1586 ou 1587*, in *OEA XXII*, 14-20. Pertencem a estes fragmentos: 1 – *Recueil d'oraisons jaculatoires tirées des Psaumes*, Ivi, 14-18; 2 - *Aspirations et prières*, Ivi, 18-19; *Acte d'abandon héroïque*, Ivi, 19-20 ; *Exercices spirituels 1590*, in *OEA XXII*, 21-44. Fazem parte dela: 1 - *Exercices spirituels 1590*, Ivi, 21-26; 2 - *Conduite particulière pour bien passer la journée*, Ivi, 27-33; 3 - *Exercice du sommeil ou repos spirituel*, Ivi, 33-37; 4 - *Règles pour les conversations et rencontres*, Ivi, 37-42; 5 - *Communion fréquente. Préparation et action de grâces [1590]*, Ivi, 43-44.

<sup>24</sup> Sobre os recentes biógrafos historiadores que confirmam substancialmente os dados precedentes recolhidos dos primeiros biógrafos de S. Francisco de Sales, cf. E.J. LAJEUNIE, *Saint François de Sales. L'Homme, la Pensée, l'Action*, Paris, Éditions Guy Victor 1966, vol. I, 97-105; A. RAVIER, *Un sage et un saint. François de Sales*, Paris, Nouvelle Cité 1985, 11-14.

Ao nascimento de Francisco, filho primogênito, seu pai tinha quarenta e seis anos de idade<sup>25</sup> e sua mãe, no que se consegue constatar, entre os catorze e dezesseis anos.<sup>26</sup> A grande diferença de idade entre os pais, normal para muitos casais de esposos de famílias nobres daqueles tempos, não parece ter influenciado negativamente a vida familiar.

O *status* social da família de S. Francisco de Sales não era sustentado apenas pelos bens econômicos que possuíam, nem pela anterior longa carreira militar do pai no exército francês, nem pelos seus conhecimentos na corte real de Paris e nem mesmo pelos encargos ocasionais que lhe eram confiados na Saboia pelo duque Carlos Emanuel I.<sup>27</sup> Antes disso tudo, os pais de S. Francisco de Sales distinguiam-se por uma profunda retidão moral.

Os biógrafos de S. Francisco de Sales, quando acenam aos seus pais, ressaltam o seu modo de viver em harmonia na família e na sociedade. Com a incorruptibilidade moral, caracterizava-os um elevado espírito de sociabilidade, de atenção aos pobres, de amor à religião católica e à pátria.<sup>28</sup> É conhecido que na Saboia, nos tempos de S. Francisco de Sales menino, os calvinistas de Genebra procuraram conquistar as pessoas de nível social elevado para suas ideias religiosas. Naquele clima de antagonismo religioso entre calvinistas e católicos, dizem os historiadores, registrou-se sabiamente a declaração feita pelo pai de S. Francisco de Sales; ele afirmava que não teria sentido aderir a uma religião doze anos mais jovem do que ele.<sup>29</sup>

S. Francisco de Sales, em muitas circunstâncias, também deu testemunho de retidão moral de nível elevado. Baste pensar em quantas vezes se viu vítima de suspeitas ou acusações de infidelidade à autoridade do Duque de Saboia. Numa dessas situações, ao explicar ao governador da Saboia o próprio distanciamento dos fatos que lhe eram atribuídos, deu este esclarecimento:

“... direi ao senhor, com espírito de liberdade, que nasci, fui educado e formado e, logo, poderei dizer que envelheci numa sólida fidelidade ao meu Príncipe soberano, fidelidade à qual me mantém ligado, mais ainda do que todas as considerações humanas que se poderiam fazer, o meu ofício. Sou essencialmente

<sup>25</sup> Cf. Nota (I), in *OEA* XI, 117.

<sup>26</sup> Cf. Nota (I), in *OEA* XI, 117.

<sup>27</sup> Cf. Nota (I), in *OEA* XI, 117.

<sup>28</sup> Cf. E.J. LAJEUNIE, *Saint François de Sales. L'Homme, la Pensée, l'Action*, vol. I, 102-104.

<sup>29</sup> Cf. *Ibi*, 114. “Os doze anos” são os transcorridos entre 1522, ano do seu nascimento, e 1534, ano em que os calvinistas se apossaram de Genebra expulsando o bispo, o clero e todas as instituições eclesiásticas católicas.

saboiano como todos os meus, e jamais poderia ser outra coisa. Não vejo, portanto, como possa suscitar sombras de suspeição, especialmente se levando em conta a minha vida...”<sup>30</sup>

Para entender bem a personalidade de S. Francisco de Sales é preciso ter em conta que sempre está presente em seus pais a consciência de serem pais-educadores não só dele, mas também de seus irmãos. Dos treze filhos, conhece-se a história de oito.<sup>31</sup> Dos demais, não se sabe a data nem do nascimento nem da morte.

O modo de agir dos pais diante do filho, segundo o nosso conhecimento da educação de Francisco em família, era orientado ao seu interesse: torná-lo capaz de navegar autonomamente no mundo; ensinando-lhe, portanto, a ser independente em relação aos pais. De fato, as decisões dos pais, de modo particular do pai, de mandar Francisco à escola, fazem pensar que estas intervenções serviam para favorecer a autonomia do menino, pondo limite à dependência de si mesmo, dos outros e do aborrecimento.

O ambiente educativo da família de S. Francisco de Sales permite-nos constatar quão mirada fora a atenção dos pais em relação ao filho. Eles notavam que não faltavam impulsos positivos ao menino. Ele crescia não só sob os olhares atentos dos pais, mas também com seus primos.<sup>32</sup> Na companhia desses mesmos primos e do preceptor, Francisco frequentará depois a escola em La Roche, Annecy, Paris. A ele, desde pequeno, como a qualquer criança, podia faltar constância e perseverança. Cabia, portanto, à orientação atenta e constante dos pais premuni-lo de um crescimento demasiado espontâneo, para que, condicionado por um crescimento desordenado, não seguisse os instintos e as reações incontroladas em seus comportamentos e ações.

<sup>30</sup> Carta *au marquis Sigismondo de Lans*, Annecy, 15 novembre 1615, in *OEA XVII*, 91.

<sup>31</sup> Em ordem de nascimento: Francisco 1567–1622, Gallois 1576–1614, Luís 1577–1654, João Francisco 1578–1635, Bernardo 1583–1617, Gasparde ? - 1629, Janus 1588–1640, Joana 1593–1607. Quanto à filha Gasparde, a data de nascimento é desconhecida. Os Editores das *OEA* consideram-na a sexta entre os filhos. Não é claro se é a sexta levando-se em conta também os filhos mortos ou só os vivos. Tratando-se apenas dos vivos, seria realmente curiosa a notícia que se lê na única Carta que se tem de S. Francisco de Sales estudante em Paris: “... assim como um amigo me informou da honra e do favor que fizestes a uma de minhas irmãs...”; em nota correspondente a esta informação, os Editores dizem que, talvez, tenha se tratado de um projeto de casamento. Cf. Carta *au baron D'Hermance*, Paris, 26 novembre 1585, in *OEA XI*, 1.

<sup>32</sup> Filhos do tio paterno. As duas famílias viviam em grande harmonia morando por bastante tempo no mesmo castelo.

A educação que Francisco recebeu dos pais na infância e pré-adolescência levava em consideração os valores básicos da existência e, portanto, de um comportamento adequado. Sua educação era, ao mesmo tempo, educação à fé.

Desejando entender o coração de S. Francisco de Sales do ponto de vista cristão, não seria secundário conhecer o surgimento da sua relação com Deus, como também a sua imagem de Deus e a sucessiva revisão dessa imagem, e o seu crescimento na relação íntima com Deus. Infelizmente, as fontes documentais que possuímos sobre isso não nos permitem reconstruir todas as suas experiências de fé anteriores à intensa crise espiritual devida, como resulta, à interpretação do tema da predestinação.<sup>33</sup> O ato heroico do seu abandono total em Deus, feito em Paris pelos vinte anos, aqui apresentado parcialmente, demonstra a sua profundidade espiritual e teológica:

“[...] Qualquer coisa que tenhais decidido, Senhor, no eterno decreto da vossa predestinação e da vossa condenação, vós, cujos juízos são um abismo profundo [...], eu vos amarei, Senhor, ao menos nesta vida, se não me for concedido amar-vos na vida eterna [...] se, como exigem os meus merecimentos, eu deva ser amaldiçoado entre os amaldiçoados que jamais verão a vossa dulcíssima face, concedei-me ao menos não estar entre os que amaldiçoarão o vosso santo nome”.<sup>34</sup>

O testemunho de vida espiritual dado por S. Francisco de Sales no período escolar e universitário leva a pensar que a sua formação religiosa, desde quando se encontrava em família, foi um itinerário que o fez crescer na amizade com Deus. Sua relação com Deus, já muito pessoal, depois da prova/crise espiritual vivida em Paris e novamente em Pádua será, de fato, sempre mais profunda e estável com o passar dos anos.

Ao seu exemplo, podemos reconhecer que crescer na fé e no amor de Deus significa ter uma vida espiritual que não é outra coisa senão uma profunda experiência de relação pessoal com Deus. Experiência que, como acontecerá em Pádua, exigirá dele novos esclarecimentos sobre o tema da predestinação. Superada essa etapa, o seu constante abandonar-se a Deus sem reservas será a expressão mais convincente da sua crescente relação com Ele.

---

<sup>33</sup> O tema das suas crises, depois de cuidadosa pesquisa está bem exposto in E. J. LAJEUNIE, *Saint François de Sales. L'Homme, la Pensée, l'Action*, Paris, Éditions Guy Victor 1966, vol. I, 130-145. 151-156.

<sup>34</sup> *Acte d'habandon héroïque*, in *OEA XXII*, 19-20.

O itinerário espiritual de S. Francisco de Sales, como é natural, foi muito pessoal desde a juventude, não condicionado nem pelos pais nem por alguém da família. Deve-se atribuir grande significado à qualidade de suas relações com os pais no desenvolvimento da personalidade, como também no progresso da experiência pessoal de fé.<sup>35</sup> Ele foi afortunado por ter o pai e a mãe como duas figuras de referência significativa, antes de tudo para ele, mas não menos para seus irmãos. Vendo-o agir como adulto diante dos pais, podemos dizer que desde criança ele interiorizou a figura materna e paterna como pessoas disponíveis e capazes de estarem próximos dele com intenso afeto. Ele, por sua vez, não teve dificuldade em comunicar-lhes as próprias necessidades e sentir-se respeitado em sua posição de filho.

O estilo relacional com os pais, estabelecido na infância, serviu-lhe certamente de modelo na pré-adolescência e em todas as demais etapas de crescimento. Este modelo relacional, sem percebê-lo, foi proposto por ele em todas as experiências relacionais com os coetâneos, com os adultos e na mesma relação com Deus. Não nos admiremos, pois, que a relação com Deus vivida na idade adulta tenha sido para ele uma relação muito sentida, cheia de amor. Nosso modo de ler S. Francisco de Sales autoriza-nos a interpretar a doença e a morte dos pais como dois momentos muito intensos de sua vida do ponto de vista humano, mas ainda mais do ponto de vista da fé.

Encontrando-se na casa paterna para assistir seu pai enfermo, doença da qual não se curaria, Francisco escreve:

“[...] permaneço aqui, para cumprir meu dever a serviço de meu pai que, dia após dia, caminha a largos passos para a outra vida. De fato, está tão enfraquecido que, se Deus não nos der sua mão milagrosa, já me vejo privado, em poucos dias, da consolação que a presença deste bom pai sempre deu a mim e a toda esta casa. Deus, que é Senhor de todas as vidas, seja sempre louvado por todas as suas vontades”.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Anos depois, a uma de suas filhas espirituais que, com orações e sacrifícios espirituais, obterá para o próprio pai a graça de morrer reconciliado com Deus, S. Francisco de Sales escreverá: “eis que estais, pois, junto de vosso senhor pai, que considerais como uma imagem viva do Pai eterno, pois nesta veste devemos honrar e servir aqueles dos quais Ele se serviu para nos dar a vida”. Carta à *mademoiselle De Bréhard*, Annecy, [mi-mai 1609], in *OEA* XIV, 160.

<sup>36</sup> Carta à *monseigneur Claude De Granier*, évêque de Genève, Sales, 19 janvier 1601, in *OEA* XII, 53-54.

O caráter objetivo que queremos respeitar, nesta leitura de S. Francisco de Sales, não permite interpretar o seu pensamento de maneira imposta previamente. Não é fácil, contudo, renunciar à pergunta, antes será útil procurar entender, se e em que medida, a figura paterna o tenha ajudado a sentir-se pai espiritual de muitas pessoas. Está bem claro que seria difícil, a quem em sua vida não experimentou a bondade e a grandeza da figura do próprio pai, dizer as palavras de S. Francisco de Sales a um filho espiritual: “...exalta-me o nome de pai com que vos agradou honrar-me. Este nome penetrou profundamente em meu coração, e os meus afetos adequaram-se às leis do amor que ele representa: o maior, o mais vivo, o mais forte entre todos os amores”.<sup>37</sup> Um ano depois, quando escrevia ao mesmo destinatário, sem estarmos seguros disto, acreditamos que ele tivesse presente a figura do pai diante de seus olhos: “... o amor paterno, em geral, é muito poderoso, porque é como um rio que tem a sua origem muito acima...”.<sup>38</sup>

Com a morte da mãe, que aconteceu nove anos depois da do pai, S. Francisco de Sales escrevia:

“Experimentei uma grande dor por essa separação [...], mas devo dizer também [...] que foi uma dor tranquila, embora viva, porque disse como Davi: *calo-me, Senhor, e não abro minha boca, porque sois vós que o fizestes*; se não fosse por isso, teria gritado pelo golpe recebido; contudo, parece-me não ter ousado gritar ou demonstrar insatisfação sob os golpes daquela mão paterna que, na verdade, graças à sua Bondade aprendera a amar desde a minha juventude”.<sup>39</sup>

Para perceber a profundidade do testemunho de fé de S. Francisco de Sales é preciso levar em conta o testemunho de fé que seus pais davam aos filhos, mediante o clima religioso vivido por eles em família e a participação ativa e convicta na vida paroquial. A experiência religiosa pessoal de Francisco apoiando-se no testemunho de fé e de religiosidade dos pais permitiu-lhe levar adiante, particularmente em Paris e em Pádua, a construção do próprio edifício espiritual. As provas de fidelidade à fé e à moral católica, como ele dirá, não lhe faltaram. Como bispo, abrasado por um triste acontecimento que terminou felizmente com o retorno à Igreja de alguns sacerdotes que se tinham tornado calvinistas, escreverá:

<sup>37</sup> Carta *au duc de Bellegarde*, Annecy, 24 août 1613, in *OEA XVI*, 57.

<sup>38</sup> Carta *au duc de Bellegarde*, Annecy, 19 août 1614, in *OEA XVI*, 212.

<sup>39</sup> Carta *à la baronne de Chantal*, Annecy, 11 mars 1610, in *OEA XIV*, 261.

“Ó Deus! Que graça recebi, eu que tão jovem e tão miserável permaneci por tanto tempo entre os heréticos e fui convidado com muita frequência a entender-me com eles, sem que o meu olhar tenha jamais aceitado pousar, mesmo rapidamente nos bens miseráveis e infelizes que me eram oferecidos! Seja bendita a mão amável do meu Deus que me manteve firme neste rebanho”.<sup>40</sup>

Poucos meses depois deste fato, aflito pela falta de fidelidade a Deus de uma jovem religiosa que decidiu passar à vida matrimonial, outra confidência:

“Quanto devemos agradecer a este grande Deus [...]. Eu em particular, que fui exortado por muitos meios, e numa idade inclinada à fraqueza e a inconstância, a passar à heresia, e que jamais nem sequer aceitei olhá-la de frente, se não para cuspir-lhe no nariz; eu que, mesmo lendo todos aqueles livros pestilentos, jamais experimentei no meu frágil e jovem espírito a menor inclinação para aquele terrível mal [...]”.<sup>41</sup>

Para concluir o quadro da situação religiosa na família de S. Francisco de Sales, devemos saber que, como bispo, ele foi confessor de sua mãe e de seus irmãos com suas famílias. Temos a confirmação disso em suas próprias palavras. “Ontem, dia de todos os santos, fui o grande confessor da família [...]”,<sup>42</sup> escrevia contando como a mãe e os irmãos com seus familiares estavam vivendo pela morte da jovem Joana de Sales, a irmã mais nova de S. Francisco de Sales. Em outra ocasião, a uma senhora que lhe perguntava se fazia bem em confessar-se com um sacerdote seu primo, Francisco confidenciava: “[...] minha mãe, quando ainda vivia, fez-me ouvir sua confissão geral e, desde então, todos os anos, prestava-me contas da sua vida com grande humildade; e a minha pobre cunhada, de cuja morte irmã Pérrone Maria vos informará, fez o mesmo”.<sup>43</sup> A mãe de Francisco, no leito de morte, vendo-o chegar para assisti-la, disse: “Este é meu filho e meu pai”.<sup>44</sup>

Os fatos aqui evocados e as reflexões feitas dizem-nos que na família de S. Francisco de Sales, a educação dos filhos à fé não era uma realidade setorial em relação ao resto de suas vidas. A fé ali atravessava todas as expressões da vida pessoal, cívica, política. Além de algumas expressões usuais da religiosidade dos

<sup>40</sup> Carta à *baronne de Chantal*, Annecy, 25 juin 1608, in *OEA XIV*, 37-38.

<sup>41</sup> Carta à *baronne de Chantal*, Annecy, 10 ou 19 décembre 1608, in *OEA XIV*, 94.

<sup>42</sup> Carta à *baronne de Chantal*, Annecy, 2 novembre 1607, in *OEA XIII*, 329.

<sup>43</sup> Carta à *madame de Granieu*, Annecy, 19 juillet 1618, in *OEA XVIII*, 251.

<sup>44</sup> Carta à *baronne de Chantal*, Annecy, 11 mars 1610, in *OEA XIV*, 262.

pais de S. Francisco de Sales – como a oração cotidiana, a atenção aos pobres, a missa dominical e festiva, alguma peregrinação religiosa – nada sabemos da sua preparação ou não preparação para a tarefa de educar os filhos na fé. Todavia, vemos que não delegaram essa tarefa a ninguém. Os pais de Francisco encontraram, portanto, a própria realização pessoal ao dar a vida aos filhos mediante a geração e ao educá-los.

## 2.2. Formação escolar de S. Francisco de Sales

Francisco foi enviado, aos seis anos, à escola em La Roche, passando a viver fora de casa. Embora não distante mais de uma dezena de quilômetros da casa paterna, só retornava em família para as férias. Dois anos depois, será transferido para o colégio de Annecy, ali permanecendo por três anos. Em relação à escola de La Roche, a de Annecy era um pouco mais distante da casa paterna.

O fato de iniciar a escola aos seis anos, morando fora de casa, deixa-nos um tanto perplexos, sabendo que aos pais não faltavam possibilidades de fazê-lo estudar em casa. Giorgio Papàsogli, que recolheu informações sobre a opção dos pais apresenta esta explicação: o pai de Francisco “quando via a esposa derramar-se em carícias por aquela criança magnífica, bela como uma pintura [...] conservava-se reservado. Quando se falou de estudos, eis as várias opiniões: [segundo a mãe] Pode estudar em casa, todos nós o ajudaremos. [O pai:] A escola [...] é a grande formadora do caráter. [...] Eu desaprovo a vossa excessiva ternura e que vos demonstreis demasiadamente afetuosa com nosso filho. Eu tenho por ele um afeto muito concreto e dirijo para ele um interesse conforme os grandes planos que considero para sua ascensão [...]”.<sup>45</sup>

Atualmente, os psicólogos recomendam aos pais a não fazerem projeções sobre os filhos, para evitar carregá-los de muitas responsabilidades ou de excessivas aspirações, ou de infundir neles os próprios desejos. Conforme este parecer, para não condicionar gravemente o destino dos filhos, às vezes de modo irreversível, os pais devem ajudar os filhos a fazerem opções e não se submeterem à vontade deles.

Francisco, embora ainda criança, segundo o que apresentam os seus biografos, teria participado intensamente do projeto de fazê-lo estudar fora de casa.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> G. PAPÀSOGLI, *Come piace a Dio*, cit, 45.

<sup>46</sup> Cf. *Ibid.*, 46.

Dada a sua idade, não sabemos o quanto ele estivesse consciente das efetivas expectativas do pai sobre ele. Sabemos, contudo, que a escola de La Roche, onde estudavam prevalentemente os filhos de famílias nobres, garantia um discreto nível de ensino.<sup>47</sup> Depois, o grande empenho que Francisco levou adiante e com sucesso, foi o estudo do latim. Indo para La Roche ele já sabia ler e escrever.<sup>48</sup>

Em Annecy, depois, em três anos de escola (1575-1578), ele “aprenderá tudo o que a Saboia lhe podia ensinar”, sustenta o biógrafo.<sup>49</sup> Nos anos passados em Annecy, Francisco recebeu a primeira comunhão e a crisma. Ele “levou muito a sério os dois sacramentos: desde então, comungou ao menos uma vez por mês, inscreveu-se na confraria do Rosário e, enfim, decidiu ler nos períodos de férias, a *Vie des Saints*. [...] Pediu ao Pai a permissão de receber a tonsura. [...] O pai cedeu: afinal, a “tonsura” não empenhava para sempre, [...] antes [...] poderia fazê-lo ascender aos afortunados benefícios eclesiásticos”.<sup>50</sup>

Aos doze anos de vida, Francisco partirá para Paris onde estudará segundo os programas escolares para, no futuro, chegar aos estudos universitários de jurisprudência.<sup>51</sup> Durante os longos anos de permanência em Paris – coisa impensável hoje – Francisco não retornará à família nem receberá a visita de seus pais. Embora distante de sua presença física, ele não se sentirá subtraído ao afeto deles. Desse período, infelizmente, não conhecemos qualquer carta escrita aos pais, nem deles recebida.

Ao partir para Paris, Francisco conhecia apenas três de seus irmãos. Conhecerá os outros quando retornar à família.

Após termos acompanhado Francisco, adolescente e jovem, até Paris, notamos que ao seu retorno/passagem à Saboia e sucessivamente em seus estudos de Pádua,<sup>52</sup> a relação com os pais manteve os mesmos aspectos de espontaneidade e harmonia, assim como a vivera na infância.

<sup>47</sup> Cf. E.J. LAJEUNIE, *Saint François de Sales. L'Homme, la Pensée, l'Action*, Paris, Éditions Guy Victor, 1966, vol. I, 106-107.

<sup>48</sup> Cf. *Ibid*, 107.

<sup>49</sup> Cf. *Ibid*.

<sup>50</sup> A. RAVIER, *Un sage et un saint. François de Sales*, Paris, Nouvelle Cité 1985, 16-17.

<sup>51</sup> Ao pai interessava que com os estudos previstos pelo programa do Colégio de Paris, Francisco frequentasse as artes da nobreza: equitação, esgrima, ginástica, dança e tudo o que no futuro lhe serviria para poder mover-se livremente na alta sociedade. Sabendo que Francisco não era por nada levado a este tipo de práticas, o pai obrigara o preceptor a não deixar que Francisco faltasse a esses cursos.

<sup>52</sup> Entre as seis cartas de S. Francisco de Sales do período paduano de estudos, nenhuma é endereçada aos pais. Os biógrafos acenam ao contato epistolar entre ele e os pais, regular e não apressado.

A formação intelectual e cultural de Francisco em Paris e em Pádua tinha por finalidade a carreira política.<sup>53</sup> Sua vocação sacerdotal, em certo sentido, poderia ser considerada um incidente de percurso. Muito provavelmente, além do confessor e do diretor espiritual, ninguém sabia que amadurecia nele a vocação sacerdotal. Não sabemos nem mesmo como a sua profunda relação com Deus se fazia notar e como podia ser interpretada exteriormente.

### **3. FRANCISCO DE SALES, DE PESSOA DIRIGIDA A DIRETOR ESPIRITUAL**

#### **3.1. Importância do diretor espiritual**

Uma das condições essenciais para ser um bom diretor espiritual ou um bom confessor é ser interessado, por primeiro, no próprio progresso espiritual, vivendo, como bom cristão, como penitente ou como pessoa em direção espiritual. Este itinerário, atento às dinâmicas apropriadas, pode ajudar os futuros confessores e diretores espirituais a superarem os seus problemas, viverem mais livres de si mesmos e das coisas e crescerem na disponibilidade ao serviço de quem precisa dele.

Damos por certo, embora deste ponto de vista a documentação seja escassa, que em Paris e em Pádua S. Francisco de Sales tivesse um diretor espiritual. Há mais informações para o período paduano do que para o parisiense.<sup>54</sup> Da importância do diretor espiritual na vida de S. Francisco de Sales, antes de ser bispo, fala o fato de ele se fazer ajudar por esta forma de enfoque espiritual.<sup>55</sup> As três confidências aqui apresentadas confirmam, cada uma à sua maneira, a necessidade que ele sentia de fazer-se acompanhar espiritualmente nos momentos importantes de sua vida e nos períodos de intensa atividade pastoral.

---

<sup>53</sup> Comprovam-no os presentes recebidos do pai quando retornou após a obtenção do doutorado *in utroque iure*: uma biblioteca de direito, a recomendação ao duque de Saboia, concluída com a nomeação de Francisco como senador do senado de Chambéry, um encontro com a família da jovem que o pai escolhera para ele pensando em seu casamento.

<sup>54</sup> Cf. E. J. LAJEUNIE, *Saint François de Sales. L'Homme, la Pensée, l'Action*, cit. vol. I, 49-50.

<sup>55</sup> O diretor espiritual de S. Francisco de Sales era uma pessoa diversa de seu confessor. Seus confessores eram os padres: Philippe de Quoex (*OEA* XII, 30, nota I; *OEA* XVIII, 156, nota 2) e Michel Favre (*OEA* XVII, 208, nota I).

“Antes da consagração, tive a fortuna de dedicar alguns dias ao recolhimento e aos Exercícios espirituais sob a direção do P. Fourier, um dos homens mais excelentes que conheci entre os Jesuítas. Digo-vos isso para perceberdes o meu espírito, como vós me dais conta do vosso, dizendo que continueis a viver em meio a uma grande variedade de ocupações e uma multidão de imperfeições. Não há remédio: temos sempre a necessidade de lavar os pés, pois caminhamos na poeira”.<sup>56</sup>

“[...] devendo partir amanhã, antes do alvorecer, para ir a Chambéry. Lá, esperam-me o P. Reitor dos Jesuítas (P. Fourier), que me hospedará nestes cinco ou seis dias que precedem a Quaresma, dias que me reservei para pôr em ordem o meu pobre espírito, agitado por tantos trabalhos. [...] Os trabalhos desta diocese não são águas, mas torrentes [...]”.<sup>57</sup>

“O Padre-Reitor de Chambéry estava aqui; e, com ele, pude rever a minha pobre alma, a começar de quando fui elevado a este cargo. Parece-me, porém, não me ter humilhado o quanto fosse necessário. É certo que preciso da santa humildade. Deus meu, quem sou eu? Pouca coisa, [...]; menos do que nada. Mas, avante! É preciso fazer mais de agora em diante”.<sup>58</sup>

Ao ler estes testemunhos, notamos que no arco de cinco anos houve três encontros importantes com o mesmo diretor espiritual. Parece que não só o primeiro e o segundo desses encontros, mas também o terceiro teve a duração de vários dias. A possibilidade de dirigir-se ao diretor espiritual não parece ter favorecido nele uma dependência desta forma de ajuda espiritual. Isso realmente não resulta de seus escritos e estaria em contraste com a capacidade que tinha de fazer uma autoleitura e de agir em consequência.

Comprova-o uma confidência sua, que data dos mesmos anos, com que fazia ver as consequências humanas e espirituais de sua caridade espiritual:

“Ao retornar da visita, quando quis examinar bem a minha alma, senti compaixão de mim: encontrei-a tão magra e desfeita, que parecia a morte. Desafio! Por quatro ou cinco meses, não tivera um momento para respirar. Estarei junto dela por todo o próximo inverno e procurarei tratá-la bem; não pregarei, a não ser para um auditório bem limitado, permanecendo sentado na cátedra. Ouvirei a palavra de um virtuoso e fervoroso Capuchinho, ensinarei o catecismo às crian-

<sup>56</sup> Carta à m. *Pierre de Bérulle*, Annecy, 18 décembre 1602, in *OEA* XII, 156.

<sup>57</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 30 janvier 1606, in *OEA* XIII, 139.

<sup>58</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 9 août 1607, in *OEA* XIII, 308.

ças e ouvirei suas confissões; e, assim, dedicar-me-ei apenas a trabalhos leves, que não desorientarão o coração, mas servirão apenas para excitá-lo. Tenho um grande desejo de torná-lo bom, para que sirva a muitos outros, a serviço dos quais me consagrei...”<sup>59</sup>

Tenhamos presente que para realizar a sua missão de bispo, S. Francisco de Sales não se subtraía a nenhum de seus compromissos. As visitas pastorais, devido à extensão territorial da diocese, prolongavam-se por longos períodos e tornavam-lhe impossível a regularidade com que se dedicava habitualmente aos compromissos cotidianos de oração. Todavia, como disse, aquilo que o surpreendeu depois de um dos imensos esforços não se referia ao cansaço físico, mas à própria exaustão espiritual.<sup>60</sup>

Esta autodiagnose deve ser interpretada, ao menos em parte, como seu típico gênero literário. A relação entre oração e trabalho era um tema apresentado frequentemente pelos seus filhos/as espirituais para avaliação. A resposta dada a alguém exprime o modo como entendia esta relação com um intenso sentido de praticidade:

“Deveis adequar a duração das vossas orações à quantidade das vossas ocupações. Assim como agradou a nosso Senhor colocar-vos na condição de vida em que deveis ter contínuas distrações, será preciso que vos entregueis a orações breves, mas que as torneis tão habituais que jamais as deixeis, a não ser por grave necessidade”<sup>61</sup>

### 3.2. Prevenir interpretações excessivas

É fácil pensar em S. Francisco de Sales como diretor espiritual nato, que se tenha dedicado desde sempre ao ministério da direção espiritual. Não encontramos qualquer indício a favor dessa convicção. Durante os quase nove anos de

<sup>59</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, fin d’octobre 1606, in *OEA XIII*, 222-223.

<sup>60</sup> Tenhamos presente aqui esta confidência: “[durante as visitas às paróquias] Sinto-me bem [...], embora empenhado em tal quantidade de problemas e de ocupações que não se poderiam imaginar outros mais. É um pequeno milagre que o bom Deus está realizando porque todas as noites, quando me retiro, não consigo mais mover o corpo nem o espírito, tão cansado me sinto em todos os membros. Contudo, vejo-me todas as manhãs mais alegre do que nunca”, Carta à *la baronne de Chantal*, Bonneville, 2 octobre 1606, in *OEA XIII*, 221.

<sup>61</sup> Carta à *madame de Travernay*, Annecy, 29 septembre 1612, in *OEA XV*, 268-269.

sacerdócio, não parece que ele tenha se empenhado em dirigir alguém espiritualmente.

Acompanhando sua atividade sacerdotal e episcopal, em ordem cronológica, parecia que a carta de 22 de novembro de 1602 endereçada às Religiosas do Mosteiro de Filhas de Deus, depois de sua permanência em Paris naquele ano, pudesse ser tomada como início do seu ministério de direção espiritual.<sup>62</sup> À distância de alguns anos desta carta, escreverá a uma religiosa que há pouco começara a assistir espiritualmente: “Se tivesse aqui os meus papéis, vos mandaria um tratado que compus em Paris sobre este argumento em favor de uma filha espiritual, religiosa de um mosteiro respeitável, que dele precisava para si e para as demais. Se o encontrar, vos mandarei na primeira ocasião”.<sup>63</sup> Infelizmente, não se conhecem nem o texto ao qual alude, nem a data em que o compilou e nem mesmo a destinatária. Contudo, esta ação de direção espiritual, no momento atual do nosso conhecimento, seria o verdadeiro início do seu ministério de direção espiritual. Embora não conhecendo a data exata, o ano é sempre o mesmo: 1602.

A ninguém é possível saber, antecipadamente, de quais temas e de quais aspectos de vida cristã S. Francisco de Sales tenha tratado com as pessoas servindo-as na direção espiritual. Para sabê-lo, o único caminho a percorrer é a leitura de suas cartas, da *Introdução à vida devota*, do *Tratado do Amor de Deus*, mas também de suas pregações e colóquios mantidos com a comunidade-mãe das Irmãs da Visitação. É preciso distinguir, na leitura, as considerações teológicas sobre a vida espiritual dos problemas pessoais de cada homem e mulher em direção espiritual. A quantidade de temas ou aspectos de vida cristã dos quais ele tratou depende, em grande parte, do número de pessoas em direção espiritual e do número total de problemas que essas pessoas lhe apresentaram. No contexto da dedicação de S. Francisco de Sales à direção espiritual encontraremos também algum material que nos ajuda a conhecê-lo em seus traços de intensa humanidade, de rica espiritualidade, de profunda teologia. Desde o início do nosso contato com seus escritos de direção espiritual, por motivos de objetividade que queremos garantir à nossa leitura, é importante ter presente que as atenções dadas por ele às pessoas não eram ditadas por preferências pessoais, mas pelas necessidades

---

<sup>62</sup> Carta *aux Religieuses du Monastère des Filles- Dieu*, Sales, 22 novembre 1602, in *OEA* XII, 136-152.

<sup>63</sup> Carta *à madame Bourgeois, Abbessé du Puits-d’Orbe*, Sales, 15-18 avril 1605, in *OEA* XIII, 31. A permanência em Paris de que fala, aconteceu de 22 de janeiro a 20 de setembro de 1602.

espirituais de cada um e da vontade que Deus lhe demonstrava diante de cada pessoa acompanhada por ele. De fato, a ajuda que a direção espiritual é chamada a dar deve ser precedida de um atento discernimento espiritual. Agindo assim, ele mesmo estava convencido de que as pessoas autenticamente espirituais são aquelas que não têm “outro coração fora do de Jesus, nenhum outro espírito fora do seu, nenhuma outra vontade fora da sua, nenhum outro afeto fora dos seus, nem outros desejos fora dos dele; enfim, são totalmente suas”.<sup>64</sup>

### *O número de pessoas acompanhadas*

Um dado da experiência de direção espiritual de S. Francisco de Sales, que exige uma leitura atenta é justamente o número de pessoas das quais ele era diretor espiritual. Ao falar dele como diretor espiritual, não falta quem o considere diretor espiritual unicamente da senhora de Chantal. É difícil conhecer todas as pessoas que o buscaram como diretor espiritual. Atualmente, a única estimativa que nos ajuda a ter uma ideia da quantidade de pessoas acompanhadas por ele é a quantidade de cartas de direção espiritual. A distinção entre estas e as demais cartas escritas por ele deixa-se perceber sem dificuldade.

Apesar de tudo, de acordo com estas cartas, não é o número exato das pessoas dirigidas espiritualmente por S. Francisco de Sales que gostaríamos de individualizar. Interessa-nos mais a tipologia dos grupos de pessoas às quais as cartas eram dirigidas:

- eram muitas as religiosas de vários institutos. Este grupo de destinatárias de suas cartas de direção espiritual compreende também as Irmãs da Visitação;
- eram poucos os religiosos e eclesiásticos que lhe pediam assistência espiritual;
- as leigas: mulheres solteiras, casadas, viúvas, em relação ao número de cartas, prevalecem sobre as demais categorias de pessoas;
- os leigos, entretanto, jovens, adultos, casados e solteiros, eram raros. Entre estes estava Roger de Saint-Lary e de Termes, duque de Bellegarde (1563-1646), uma das grandes figuras da vida política francesa sob Henrique III, Enrique IV e Luís XIII.

---

<sup>64</sup> *Sermon pour la fête de saint Jean Porte-Latine*, 6 mai 1616 ou 1617, in *OEA IX*, 80.

*Circunstâncias que não se devem esquecer ao estudar a direção espiritual segundo S. Francisco de Sales*

A leitura dos destinatários das cartas de direção espiritual de S. Francisco de Sales exige muita atenção. Isso se deve às seguintes peculiaridades que se deve levar em conta:

- não possuímos todas as cartas de direção espiritual escritas por S. Francisco de Sales;
- estamos diante de um número variado de cartas endereçadas a cada destinatário. O elevado número de leigas, destinatárias de suas cartas, significa duas coisas: a primeira, que um elevado número de pessoas recebia suas cartas, e a segunda, que muitas pessoas receberam apenas uma carta. Apenas uma dezena de pessoas recebeu certo número de cartas enviadas por S. Francisco de Sales, algumas delas um número muito elevado;
- algumas destinatárias de suas cartas, não muitas, estavam em contato epistolar com ele ainda antes de ele abraçar a vocação religiosa;
- de algumas destinatárias, S. Francisco de Sales resulta diretor espiritual ao lado de outro diretor;
- com algumas dessas pessoas, o contato epistolar era regular, notável e de longa duração. Essa regularidade não lhe seria possível manter em relação aos encontros pessoais.

*Textos de apoio*

Em alguns casos de direção espiritual, enquanto as pessoas davam os primeiros passos no caminho espiritual, S. Francisco de Sales, de acordo com as necessidades específicas, fazia acompanhar as suas cartas pessoais com subsídios sobre temas especiais de vida espiritual.<sup>65</sup> Também acontecia que, para temas concretos ou trabalhos espirituais, o diretor espiritual encaminhava a pessoa a livros ou capítulos de autores conhecidos. Ajuda análoga era individualizada, al-

---

<sup>65</sup> Cf. o subsídio que preparara e enviara ao Duque de Bellegarde: *Memorial pour bien faire la confession adressé au Duc de Bellegarde le 24 août 1613*, in *OEA XXVI*, 244-266. No mesmo volume XXVI das *OEA* encontramos outros subsídios preparados para diversos destinatários.

gumas vezes, na *Introdução à vida devota*, publicada em 1609, sem, porém que lhe fosse dado um peso excessivo.

### *Respeito à singularidade das pessoas*

O número elevado dos destinatários das cartas de direção espiritual não fez o Autor esquecer-se da singularidade de cada um. Esta realidade, individualizada em cada pessoa, mesmo quando exige muito tempo, é de importância fundamental na direção espiritual. À singularidade de cada cristão/ã, além das características psicológicas e temperamentais individuais, pertence igualmente a sua especificidade histórica devida:

- à pertença a uma determinada categoria de pessoas pelo seu estado de vida e profissão;
- ao seu progresso ou retrocesso espiritual na vida cristã.

A atitude de S. Francisco de Sales, relativa à singularidade de cada pessoa em direção espiritual, era a mesma que encontramos na *Introdução à vida devota*. Muitas pessoas, não só então, pensam que há um único modo de tender à santidade cristã. S. Francisco de Sales, todavia, sustenta que o caminho de santidade deve ser percorrido “de maneiras diversas pelo nobre, pelo operário, pelo servo, pelo príncipe, pela viúva, pela filha, pela mulher casada; isso não basta, mas será preciso ainda adaptar a prática de vida espiritual às forças, aos trabalhos e aos deveres dos indivíduos. [...] Seria correto que o bispo desejasse viver isolado como os Cartuxos? E se os casados não quisessem renunciar a nada, como fazem os Capuchinos, se o operário estivesse o dia todo na igreja como o religioso e o religioso estivesse continuamente exposto a todo tipo de encontros no serviço do próximo, como o bispo, esta vida espiritual não seria ridícula, desajustada e insuportável? [...] É um erro, antes uma heresia, querer banir a vida espiritual da legião dos militares, da oficina do operário, da corte do príncipe, da vida cotidiana das pessoas casadas. [...] Onde quer que vivamos, podemos e devemos aspirar à vida perfeita”.<sup>66</sup>

A atenção à singularidade de cada pessoa, segundo ele, é exigida também em nível de direção espiritual comunitária, como é o caso dos religiosos e religiosas. S. Francisco de Sales dera à superiora da Visitação em Lyon, primeira

<sup>66</sup> *Introduction à la vie dévote*, in *OEA III*, 19-21.

casa fundada fora da Saboia, uma recomendação implícita, acompanhada de uma sentença de sabor sapiencial: “Não deis atenção à quantidade de imperfeições existentes em vós e em todas as filhas que nosso Senhor e nossa Senhora vos confiaram... pois não é o caso de admirar-se se, num jardim, cada planta e cada flor exijam um cuidado especial”.<sup>67</sup>

Anos antes, ele dera conselho semelhante a uma superiora jovem, dinâmica, segura das próprias decisões, que iniciara com determinação a reforma da vida religiosa em seu mosteiro:

“Eu apresento frequentemente no altar este vosso ideal Àquele que vo-lo sugeriu e que vos deu a boa vontade de propô-lo, para que vos conceda a graça de levá-lo a cumprimento. Parece-me entrever a porta aberta. Só vos peço, Senhora..., que recordeis que a *porta é estreita* e difícil de ser superada e que, portanto, deveis ter a esperteza e a paciência de fazer entrar por ela todas as vossas irmãs, mas uma depois da outra. Querer fazê-las passar todas em multidão e em breve tempo, é coisa que, eu acredito, não haveria de ter sucesso. Algumas delas não podem caminhar rapidamente como as outras. É preciso dar as devidas atenções às idosas, que não poderiam adaptar-se com facilidade: elas são muito pouco maleáveis, porque os nervos do espírito, como os do corpo, já estão contraídos. Toda atividade que consagrais a esta obra, deve ser carinhosa, graciosa, compreensiva e tolerante. Deveis impor-vos isso quer pela vossa idade quer pela vossa índole, dado que a severidade não vai bem aos jovens. E, crede-me, Senhora: o governo mais perfeito é aquele que mais se aproxima daquele que o bom Deus exerce sobre nós, que é todo tranquilidade e paz, que tem uma atividade intensíssima, mas sem agitação, e que, embora sendo único, se adapta a todos e a todas as coisas. Sobretudo, vo-lo peço, servi-vos dos conselhos de pessoas espirituais”...<sup>68</sup>

### *Destinatários procurados ou sem preferência?*

Por que S. Francisco de Sales se dirigia prevalentemente a pessoas de condição social elevada, como se deduz do elenco dos destinatários de suas cartas de direção espiritual? Trata-se de um fato facilmente explicável. Em seu tempo, as pessoas culturalmente simples eram, em geral, desprovidas de instrumentos para poder recorrer à correspondência epistolar. Não se esqueça, em todo caso, que S.

<sup>67</sup> Carta à *la mère Favre, supérieure de la Visitation de Lyon*, Annecy, fin octobre ou commencement de novembre 1615, in *OEA XVII*, 81.

<sup>68</sup> Carta à *madame de Beauvilliers, abbesse de Montmatre*, Annecy, [janvier] 1603, in *OEA XII*, 172-173.

Francisco de Sales bispo se dedicava não só às visitas pastorais, à pregação, à catequese das crianças, mas também à confissão, especialmente de gente simples. Não é possível dizer qualquer coisa sobre esta eventual modalidade de direção espiritual.

### *Motivações espirituais do ministério de direção espiritual*

A documentação de que dispomos para algumas histórias de direção espiritual, acompanhadas por S. Francisco de Sales, apresenta provas de suas declarações explícitas de ser vontade Deus que ele se empenhasse nessa missão. Das mais características, e como exemplo, apresento algumas:

“[...] a escolha que fizestes tem todos os sinais de ser boa e legítima; e disso vos peço que jamais duvideis [...]. A longa reflexão que me impus antes de vos dar o meu assentimento; o fato de que nem vós nem eu confiamos apenas em nós mesmos, mas recorremos ao juízo do vosso confessor bom, douto e prudente; o fato de termos dado às primeiras agitações da vossa consciência todo o tempo para acalmar-se, caso tivessem algum fundamento; as orações, não de um dia ou dois, mas de vários meses, que precederam a vossa escolha, são sinais infalíveis que nos permitem afirmar sem sombra de dúvida, que era essa a vontade de Deus”.<sup>69</sup>

“Suplico-vos, pelo amor de nosso Senhor, que creiais sem a menor dúvida que eu estou inteiro e irrevocavelmente a serviço da vossa alma e que me empenharei neste serviço com todas as minhas forças e com toda a fidelidade que poderíeis desejar. Deus o quer e eu o sei muito bem: nada mais posso dizer”.<sup>70</sup>

“[...] não [haja] mais qualquer cerimônia entre nós: os vínculos que nos unem não são formados por cordas daquela espécie. Eles são invariáveis, incorruptíveis e eternos, pois nos amaremos no céu com o mesmo amor de Jesus Cristo que une de coração e de alma aqui embaixo e que faz de mim o vosso humilíssimo e afeiçoadíssimo servo”.<sup>71</sup>

<sup>69</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Sales, 14 octobre 1604, in *OEA* XII, 353. Em relação à senhora de Chantal, quando em 1604 ela se encontrou com S. Francisco de Sales, não se tratou de uma simples escolha do diretor espiritual, mas de uma mudança de diretor espiritual. Sobre este fato, vejam-se as páginas 324-328 do meu artigo: J. STRUŠ, *I protagonisti della direzione spirituale secondo l'insegnamento e la pratica di san Francesco di Sales*, in *Salesianum* 2(1978 aprilis-iunius), 293-342.

<sup>70</sup> Carta à *madame Bourgeois, abbesse du Puits-d'Orbe*, Sales, 13 octobre 1604, in *OEA* XII, 341.

<sup>71</sup> Carta à *la présidente Brulart*, [sem indicar o local], vers le 20 avril 1605, in *OEA* XIII, 39.

“Deus tornou-me vosso, e eu o serei imutavelmente para sempre, totalmente e sem reservas [...], eu serei vosso mais de quanto se possa dizer”.<sup>72</sup>

A intensidade da profunda convicção com que S. Francisco de Sales faz estas declarações recorda a importância indiscutível da vontade de Deus, indicada por ele como condição de qualquer itinerário autêntico de santidade. No contexto das quatro declarações apresentadas acima sobre sua disponibilidade de servir na direção espiritual, porque essa é a vontade de Deus, não nos deve levar à suspeita de um desejo de querer apossar-se das pessoas. Justamente nesse contexto, é útil ver a sua reação ao temor expressado pela senhora de Chantal, preocupada em se ver algum dia sem diretor espiritual, caso ele morresse: “É sem dúvida um bem desejar a vida àquele que Deus vos deu como guia para a vossa; mas [...] Deus tem centenas de meios, ou melhor, infinitos meios para guiar-vos sem mim: é Ele que vos conduz *como uma ovelha* (SI 79,2). Peço-vos: tende o vosso coração muito elevado; apegai-o indissolúvelmente à vontade soberana daquele dulcíssimo coração paterno do nosso Deus, e que Ele seja sempre obedecido e obedecido suavemente pelas nossas almas”.<sup>73</sup>

## 4. TAREFAS PRÓPRIAS DO DIRETOR ESPIRITUAL

### 4.1. A figura do diretor espiritual

No capítulo IV da Primeira Parte da *Introdução à vida devota*, S. Francisco de Sales diz que, para iniciar O caminho espiritual e continuar ao longo do seu percurso, é preciso ter um guia.<sup>74</sup> Sua tarefa é ser:

“*amigo fiel*... que orienta as nossas ações com suas advertências e seus conselhos, e assim nos salva das emboscadas e armadilhas do maligno”;

“um *tesouro de sabedoria* nas aflições, tristezas e quedas”;

<sup>72</sup> Carta à *madame Angélique Arnauld, abbesse de Port-Royal à Maubuisson*, Annecy, 5-7 juillet 1620, in *OEA XIX*, 271.

<sup>73</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 29 septembre 1608, in *OEA XIV*, 68.

<sup>74</sup> *Introduction à la vie dévote*, in *OEA III*, 22-25.

“*remédio* para aliviar e consolar os nossos corações no tempo das doenças espirituais; preservar-nos-á do mal e tornará melhor o nosso bem; e quando nos acontecer alguma enfermidade, impedirá que ela nos faça morrer, pois nos colocará novamente em pé”.

Não é fácil dizer se alguma destas três funções é a principal em relação às demais. À luz das palavras conclusivas de S. Francisco de Sales sobre a responsabilidade do diretor espiritual, no mesmo capítulo, não parece possível preferir qualquer uma delas transcurando as demais. Em seu modo de ver, o diretor espiritual “deve estar cheio de caridade, de ciência e de prudência; se lhe faltar uma das três, a missão se tornará perigosa”.

A verdadeira dificuldade derivada desta tipologia da figura do diretor espiritual refere-se à escolha dessa pessoa, onde e como encontrá-la. A escolha de um diretor espiritual com essas qualidades torna-se árdua, senão impossível, justamente pela importância atribuída às suas três funções. A dificuldade desta escolha faz-se ainda mais sentida quando, de modo imparcial, S. Francisco de Sales reporta o conselho de S. João de Ávila: “escolhei um entre mil”. O nível de dificuldade continua a crescer de modo exorbitante quando, com senso de profundo realismo, S. Francisco de Sales declara: “Um entre dez mil, digo eu; dado que os homens à altura dessa responsabilidade são menos de quanto se pense”.

Como, portanto, encontrar um diretor espiritual segundo os requisitos humanos e espirituais indicados por S. Francisco de Sales? De acordo com o que ele mesmo sugere, cabe à pessoa interessada “dirigir-se a Deus com insistência e pedir que lhe envie alguém segundo o seu coração”.

A grande importância que S. Francisco de Sales reconhece ao papel do diretor espiritual na vida de pessoas interessadas em iniciar o itinerário espiritual poderia ser impossível na prática, pela dificuldade de encontrá-lo. Entendemos de uma resposta de S. Francisco de Sales que essa eventualidade não quereria dizer que se está fora da graça de Deus:

“Será vossa fortuna não ter outro diretor senão o doce Jesus que, como não quer que se despreze a guia de seus servos, quando se pode tê-la, assim também está pronto a substituí-la em tudo quando esta venha a faltar. Mas o faz somente em último caso, como podereis experimentar caso vos acontecesse de não poder ter um diretor”.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Carta à *mademoiselle de Soulfour*, Annecy, 22 juillet 1603, in *OEA* XII, 206.

## 4.2. O diretor espiritual “deve estar cheio de caridade, de ciência e de prudência...”

Se a juízo de S. Francisco de Sales os parâmetros para avaliar a idoneidade de um diretor espiritual são “... estar cheio de caridade, de ciência e de prudência...”, por que estas mesmas medidas não deveriam ser usadas para ler o seu perfil humano, espiritual e pastoral? Levando-se em conta a abordagem dada a este texto, os modos de ser e de fazer de S. Francisco de Sales diretor espiritual, em grande parte já vistos, nós o vemos coerentes com as medidas indicadas por ele. Em seguida, serão assinalados alguns de seus outros modos de pensar e agir como diretor espiritual.

### *Cheio de caridade*

Procuremos perceber o sentido da especificidade “cheio de caridade”, exigida para o diretor espiritual, recorrendo:

- ao comentário de S. Francisco de Sales sobre alguns incidentes acontecidos por ocasião de encontros de direção espiritual;
- aos convites feitos por ele mesmo a quais virtudes praticar e por que, com a finalidade de progredir na perfeição.

Em ordem cronológica, o primeiro fato que ele comenta foi-lhe apresentado por uma pessoa que ele mesmo acompanhava espiritualmente; essa pessoa, devido à grande distância, devia fazer-se ajudar por um conselheiro espiritual do lugar. O conselheiro, experiente em direção espiritual, conhecido e estimado por S. Francisco de Sales, mostrou-se exato em identificar na personalidade da penitente os pontos que exigiam atenção especial. A penitente, porém, sofreu pelo fato de ter sido reconhecida como carente de correção, convencida de não gozar de sua confiança. S. Francisco de Sales, sabendo do acontecido, procurou evidenciar as vantagens que ela teria obtido das observações do seu guia espiritual. As observações, segundo seu modo de ver, quando acontecem na amizade espiritual, embora parecendo acidentais, não deveriam ser motivo de preocupação porque “... o conselheiro de almas que sabe ser discreto não se admira de nada, acolhe tudo com caridade, desculpa tudo e bem sabe que o espírito do homem está sujeito à vaidade (Rm 8,20) e à desordem, se não tiver uma assistência especial da Verdade”<sup>76</sup>

<sup>76</sup> Carta à *la présidente Brulart*, 29 avril 1606, in *OEA XIII*, 175.

O segundo fato refere-se ao próprio S. Francisco de Sales. Ao saber da superiora de um mosteiro em dificuldade que, devido ao nível de vida espiritual, S. Francisco de Sales procurava ajudar a renascer, eram-lhe atribuídas palavras jamais ditas, confidenciou à irmã que o informou: “[...] a experiência ensinara-me a não ser duro com as almas rebeldes enquanto houvesse esperança de conquistá-las pela doçura [...]. Aqueles que pretendem servir às almas devem ser pacientes, porque elas sempre são, como nos inícios, caprichosas, bizarras e vendedoras de palavras. Quem se deixasse desencorajar por isso, jamais faria alguma coisa”.<sup>77</sup>

No itinerário que estamos percorrendo em busca do sentido da especificidade “cheio de caridade” do diretor espiritual será útil contemplar, como já acenado, as virtudes que S. Francisco de Sales recomendava às pessoas dirigidas por ele:

“[Preferir] as duas caras e amantíssimas virtudes que resplandiam na santa Pessoa de Nosso Senhor, virtudes que, de modo todo particular, nos recomendou [...]: *Aprende de mim... que sou manso e humilde de coração*. A humildade torna perfeito diante de Deus; a doçura, diante do próximo”.<sup>78</sup>

“A doçura e a humildade são as bases da santidade”.<sup>79</sup>

“Tende grande cuidado em praticar bem a humilde doçura, que deveis usar para com vosso caro marido e com todos, porque é a virtude que nosso Senhor tão vivamente nos recomendou”.<sup>80</sup>

“Recomendo-vos principalmente o espírito de doçura, que é aquele que atrai e conquista as almas”.<sup>81</sup>

“Devemos permanecer sempre bem firmes na prática de nossas duas caras virtudes: a doçura em relação ao próximo e a amabilíssima humildade em relação a Deus”.<sup>82</sup>

---

<sup>77</sup> Carta à *madame de la Forest*, religieuse de l'Abbaye de Bons, Annecy, 2 octobre 1609, in *OEA* XIV, 205.

<sup>78</sup> Parte III, capítulo VIII da *Introduction à la vie dévote*, in *OEA* III, 161-165.

<sup>79</sup> Carta à *la soeur Fichet*, religieuse de la *Visitation d'Annecy*, Annecy, 31 décembre [entre as cartas sem data], in *OEA* XXI, 1.

<sup>80</sup> Carta à *madame de Villesavin*, Parios, juillet-août 1619, in *OEA* XVIII, 417.

<sup>81</sup> Carta à *madame Bourgeoise*, *Abbesse du Puits-d'Orbe*, Annecy, 3 mai 1604, in *OEA* XII, 272.

<sup>82</sup> Carta à *madame de la Valbonne*, [1515-1617], in *OEA* XVIII, 135.

A índole própria da humildade e da doçura, “as duas caras e amantíssimas virtudes que resplandiam na santa Pessoa de Nosso Senhor”, inscreve-se perfeitamente no objetivo da direção espiritual: crescer no amor de Deus.

Caminhar pelo itinerário espiritual, segundo S. Francisco de Sales, quer dizer empenhar-se de modo a alcançar a própria liberdade em relação aos pecados e aos vícios, como também crescer na oração pessoal e litúrgica, para ser homem ou mulher de oração através de uma profunda comunhão com Deus. Faz parte deste programa o esforço que vise conquistar as virtudes adequadas para contribuir ao autêntico crescimento espiritual da pessoa.

“Deus [...] guia a alma, que fez sair do Egito do pecado, de amor em amor, como de etapa em etapa, até introduzi-la na terra prometida, ou seja, na santa caridade, que é amizade, não amor interessado”.<sup>83</sup>

O itinerário espiritual assim entendido, com esta articulação coerente, exprime a sua capacidade de poder forjar o homem interiormente. Neste contexto, é preciso perguntar-se: qual é o papel do diretor espiritual? De que modo ele pode acompanhar a pessoa em direção espiritual? Como ele próprio pode corresponder ao dever de estar “cheio de caridade”? Se o amor de Deus é a motivação fundamental de todo itinerário espiritual, não deveria o mesmo amor de Deus ser também a motivação do ter de estar “cheio de caridade”, indicada por S. Francisco de Sales juntamente com as outras duas qualidades do diretor espiritual?

S. Francisco de Sales não explicita os caminhos pelos quais o diretor espiritual pode alcançar a qualificação de “cheio de caridade”. A única lição que nos dá é o testemunho de sua vida. Em força desse testemunho, parece justificado pensar que o diretor espiritual deveria buscar uma contribuição qualificadora para o crescimento do seu viver “cheio de caridade” praticando as mesmas virtudes aconselhadas por S. Francisco de Sales às pessoas acompanhadas por ele.

No programa de vida espiritual realizado segundo a dinâmica desse itinerário, as virtudes não são um corpo estranho. É importante que a vida de oração e a luta contra os pecados e os vícios pessoais se associem à prática das virtudes. S. Francisco de Sales esclarece o quão normal seja a ligação entre a prática das virtudes e os outros trabalhos espirituais na vida cristã, com este exemplo prático:

---

<sup>83</sup> *Traité de l'Amour de Dieu*, in *OEA IV*, 163-164.

“[...] muitos fazem profissão de querer ser virtuosos filosoficamente, mas, na realidade, não são virtuosos de modo algum. Eles não são outra coisa senão fantasmas de virtude, que, com um comportamento cerimonioso e um rio de palavras, escondem a sua vida má e os seus humores aos olhos daqueles com os quais devem tratar. Mas nós, que bem sabemos não poderemos ter um mínimo de virtude sem a graça de nosso Senhor, devemos procurar viver virtuosamente recorrendo à piedade e à santa devoção; caso contrário, não seremos virtuosos a não ser na imaginação e nas aparências”.<sup>84</sup>

O lugar das virtudes no interior de um autêntico programa de vida espiritual torna-se natural em força da relação igualmente natural que existe entre a “caridade” e as “virtudes”. Sobre esta relação S. Francisco de Sales diz:

“... a caridade jamais entra num coração a não ser arrastando atrás de si as demais virtudes, que alinha e adestra como um capitão faz com seus soldados; mas não as faz entrar em ação todas juntas, todas do mesmo modo, ao mesmo tempo e em todos os lugares... a caridade, irrigando uma alma, produz nela obras virtuosas, mas cada uma na sua estação”.<sup>85</sup>

“... caminhai sempre corajosamente *de virtude em virtude* até alcançardes o grau mais elevado do amor divino. Mas jamais o alcançareis, pois este amor sagrado é infinito como o seu objeto, que é a divina Bondade”.<sup>86</sup>

À luz deste pronunciamento de S. Francisco de Sales é preciso recordar os critérios segundo os quais se escolhem as virtudes a praticar. As razões mais fundamentais que deveriam regular essa escolha são estas, segundo ele:

“Entre as várias práticas das virtudes, devemos preferir aquelas que estão mais alinhadas com o nosso dever e não com o nosso gosto [...]. Cada estado de vida precisa praticar esta ou aquela virtude especial: são de um tipo as virtudes do prelado, de outro as do príncipe e, ainda de outro as do soldado, da mulher casada ou da viúva; e assim como todos devem ter todas as virtudes, nem todos devem praticá-las da mesma maneira, mas cada um deve dedicar-se de modo particular às exigidas pelo gênero de vida ao qual é chamado”.<sup>87</sup>

<sup>84</sup> Carta à madame Celse-Bénigne de Chantal, Annecy, 8 décembre 1610, in *OEA* XIV, 378.

<sup>85</sup> *Introduction à la vie dévote*, in *OEA* III, 123.

<sup>86</sup> Carta à mademoiselle de Brécharde, Annecy, [fin mai 1609), in *OEA* XIV, 165.

<sup>87</sup> *Introduction à la vie dévote*, in *OEA* III, 124-125.

“[...] para o exercício das virtudes, não é preciso estar [...] atentos para praticar todas elas [...]. A humildade e a caridade são as cordas mestras às quais estão amarradas todas as outras. Basta comportar-se bem a respeito dessas duas: uma é a mais inferior, a outra é a mais elevada de todas. [...] Mantendo o coração voltado para o exercício dessas duas virtudes, não se poderão encontrar grandes dificuldades na prática das demais. Elas são como mães para as demais virtudes, que a seguem [...]”.<sup>88</sup>

Tendo presente a linguagem que S. Francisco de Sales usa com as pessoas por ele acompanhadas, notamos que se trata de uma linguagem imediata, mas adequada para comunicar que o principal Ator deste itinerário de perfeição é Deus / o Espírito Santo; por outro lado, esta linguagem interpela o próprio diretor espiritual, perguntando-lhe qual é a sua tarefa enquanto acompanha alguém pelo caminho da perfeição:

“[...] por vontade de Deus, sinto por vós todo afeto que poderíeis desejar, e não saberia proibir-me de senti-lo. Amo profundamente o vosso espírito, porque penso que Deus o quer, e o amo ternamente, porque vos vejo ainda frágil e muito jovem”.<sup>89</sup>

“[não penseis que eu] entenda deixar de contribuir para convosco com toda a luz e força que Deus me der, porque não seria possível desfazer as ligações com que Deus nos uniu”.<sup>90</sup>

“Recomendo-vos a Deus [...], ao mesmo Deus que adoro e que me tornou tão unicamente e tão intimamente vosso”.<sup>91</sup>

“Suplico-vos [...] que jamais abandoneis os santos propósitos que fizestes, porque Deus, que os sugeriu ao vosso coração, vos pedirá conta deles. E para colocá-los bem em prática, vivei próxima do Salvador, porque a sua sombra é salutar para o surgimento e a conservação desses frutos”.<sup>92</sup>

“Deus vos guia com sua santa mão e confirma sempre mais o generoso e celeste propósito que vos sugeriu de consagrar toda a vossa vida a Ele. É justo e razoável que *aqueles que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para*

<sup>88</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 11 février 1607, in *OEA XIII*, 263-264.

<sup>89</sup> Carta à *la soeur de Soulfour, novice au Monastère des Filles-Dieu*, Annecy, 16 janvier 1603, in *OEA XII*, 163.

<sup>90</sup> Carta à *la présidente Brulart*, [sem indicar o local], vers le 20 avril 1605, in *OEA XIII*, 38.

<sup>91</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Thonon, 10 juillet 1607, in *OEA XIII*, 297.

<sup>92</sup> Carta à *une Dame*, [sem indicar o local e a data], in *OEA XXI*, 20.

*Aquele que morreu e ressuscitou por eles* (2Cor 5,15). Uma alma grande, Senhor, impulsiona todos os seus melhores pensamentos, os seus afetos e os seus ideais até o infinito da eternidade...”<sup>93</sup>

“Acrescento apenas que vos peço para crerdes firmemente que vos amo de um amor perfeito e verdadeiramente paterno, porque a Deus agradou dar-vos uma confiança ilimitada e filial em relação a mim. Continuai, pois, minha caríssima Filha, a amar-me cordialmente”<sup>94</sup>

O modo de S. Francisco de Sales exprimir-se em relação às pessoas encaminhadas à perfeição faz ver que o “estar cheio de caridade” do diretor espiritual se impõe como necessidade: para a pessoa em direção espiritual, o diretor espiritual deveria ser o reflexo do amor de Deus. Consequentemente, embora sendo apenas mediador entre a pessoa em direção espiritual e Deus que a guia, a presença do diretor espiritual jamais deveria ser fraca, insignificante.

As facetas da caridade e suas funções, nós o sabemos, são muitas. No espírito da terminologia de S. Francisco de Sales, porém, o vocábulo que exprime o modo e o estilo de estar “cheio de caridade” do diretor espiritual na direção espiritual é “amizade”. Qual a utilidade derivada disso para a direção espiritual? A resposta é dada com a apresentação do conceito de amizade de S. Francisco de Sales.<sup>95</sup> Conhecendo seu modo de entender a amizade, não será difícil entender a atmosfera humana e espiritual de suas cartas. Atmosfera que, às vezes, pode parecer excessiva pelo calor afetivo que exprimem.

A amizade, diz S. Francisco de Sales, é amor por sua natureza, mas amor que não pode viver sem comunicação. Segundo ele, nem todo amor é amizade. Porque é possível amar e não ser amado. O amor é amizade se for recíproco. Além do mais, as pessoas que se amam reciprocamente devem conhecer o seu afeto recíproco. Se não o conhecem, haverá amor entre elas, mas não amizade. É preciso, então, que entre elas exista algum tipo de comunicação que sirva de base para a amizade.

Ao ilustrar o conceito de amizade é preciso saber, sublinha S. Francisco de Sales, que seus tipos dependem dos bens que os amigos se comunicam:

- a amizade é falsa e inútil se os bens forem falsos e inúteis;

<sup>93</sup> Carta *au duc de Bellegarde*, Annecy, 19 août 1614, in *OEA* XVI, 213.

<sup>94</sup> Carta *à madame Guillet de Monthoux*, Annecy, 16 novembre 1616, in *OEA* XVII, 306.

<sup>95</sup> *Introduction à la vie dévote*, in *OEA* III, 194-216.

- a amizade é verdadeira se os bens forem verdadeiros;
- a amizade é espiritual se os bens forem espirituais etc.

Os esclarecimentos sobre o conceito de amizade e suas possíveis categorias evidenciam o sentido da comunicação obrigatória, que é muito importante na direção espiritual. Os mesmos esclarecimentos, de algum modo, querem fazer-nos pensar nos eventuais perigos, caso os bens comunicados não correspondessem aos fins da amizade que deveria existir na direção espiritual.

“Escrevi-vos dias atrás, mas o meu coração, que vos ama ternamente, não pode sentir-se satisfeito, se não vos der ao menos este delicado testemunho de afeto escrevendo-vos o mais frequentemente possível”.<sup>96</sup>

“Sinto [...] um afeto tão intenso e tão sincero pela vossa alma que, se me permitísseis, eu vos desafiaria a ter uma benevolência bastante grande para correspondê-lo. Deus vos fará sabê-lo, o mais tardar depois desta vida mortal, porque justamente diante d’Ele e de seus santos, darei as mais belas provas da santa amizade que Ele me deu por vós, endereçando muito frequentemente os meus humildes votos à sua eterna Bondade, para que encha o vosso coração do seu amor mais perfeito”.<sup>97</sup>

“[...] não há no mundo homem que tenha um coração mais terno e mais sedento de amizade do que o meu, ou que sinta mais dolorosamente do que eu as separações [devido à morte]; e, contudo, dou tão pouca importância às vaidades da nossa vida presente, que jamais me dirijo a Deus com tanto amor como quando me feriu ou permitiu que fosse ferido”.<sup>98</sup>

### *Cheio de ciência e de prudência*

Concluída a apresentação da primeira qualidade do diretor espiritual, acenar-se-á rapidamente aos outros dois requisitos, ou seja, a ciência e a prudência. Não por querer diminuir a sua importância em relação ao primeiro requisito. Parece, segundo uma convicção pessoal, que em relação a estes dois requisitos seja suficiente dizer as coisas de sua exclusiva pertinência, sem repetir as que já foram ditas anteriormente. Permanece firme a persuasão relativa a todos os requisitos de

<sup>96</sup> Carta à mademoiselle de Bréchar, Annecy, [fin mai 1609], in *OEA XIV*, 164-165.

<sup>97</sup> Carta à madame de Grandmaison, Annecy, 25 octobre 1612, in *OEA XV*, 283.

<sup>98</sup> Carta à une Dame [sem indicar o local e a data], in *OEA XXI*, 33.

um diretor espiritual: “deve estar cheio de caridade, de ciência e de prudência: se lhe faltar uma das três, a questão se torna perigosa”.

“Estar cheio de ciência e de prudência” e “estar cheio de caridade”, significa ser capaz de servir a/as pessoa/as em linha com as finalidades próprias da direção espiritual salesiana. É a capacidade que permite ao diretor espiritual agir no máximo respeito dos fins da direção espiritual, mas também das necessidades individuais das pessoas que deve acompanhar. Antes de deter-me em cada um dos dois requisitos do diretor espiritual, é necessário dizer em que sentido eles são importantes.

Salvo raras exceções, toda solicitação de direção espiritual feita pelas pessoas a um diretor espiritual demonstra na quase totalidade dos casos que elas são levadas pelo desejo de um significativo progresso espiritual. A aceitação de cada solicitação pelo diretor espiritual abre diante dos interessados um horizonte novo e um caminho inédito a percorrer, embora este início não os liberte de modo automático de seus problemas.

Observando o modo de agir de S. Francisco de Sales, aprende-se que a tarefa da direção espiritual diante das pessoas interessadas é fazê-las caminhar para o horizonte espiritual a alcançar e não resolver seus problemas e dificuldades. Em contato com as pessoas em direção espiritual, S. Francisco de Sales não toma distância de seus problemas, mas se mostra ciente de que em certos casos, dar toda a atenção aos problemas e às dificuldades que as afligem, poderia depois tornar difícil encaminhar para a meta devida. As pessoas, sozinhas, nem sempre percebem que, fixando-se excessivamente nas dificuldades a enfrentar e nos problemas a resolver, poderiam correr o risco de se verem num impasse; permanecendo bloqueadas num imobilismo psicológico, ver-se-iam bloqueadas também no espiritual.

Um sábio conselho que lemos na *Introdução à vida devota*, dado repetidas vezes a muitas pessoas, faz saber em que consiste o itinerário espiritual:

“Não nos perturbemos com nossas imperfeições, porque a nossa perfeição está justamente em combatê-las, e não poderíamos combatê-las se não as percebêssemos, nem vencê-las se não as encontrássemos. A vitória não está em não experimentá-las, mas em não consenti-las; todavia sentir-nos atormentados por elas não significa consenti-las”.<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> *Introduction à la Vie dévote*, in *OEA III*, 27.

S. Francisco de Sales oferecera uma lição prática, convincente, à senhora de Chantal:

“[...] louvo a Deus pela constância com que suportais as tribulações. Contudo, ainda noto certa inquietude e um pouco de pressa, que impedem os últimos frutos da vossa paciência. *Com a vossa paciência*, diz o Filho de Deus, *salvareis as vossas almas*. O efeito da paciência é, portanto, possuir bem a própria alma; e, quanto mais a paciência for perfeita, tanto mais a posse da alma torna-se completa e excelente. E a paciência é tão mais perfeita quanto mais estiver livre da inquietação e da pressa. Queira Deus, portanto, libertar-vos desses dois impedimentos, para que possais bem depressa estar libertada do outro. Todavia, tende coragem, eu vos peço [...], tendes suportado as dificuldades da viagem apenas por três anos, e já quereis o repouso. Recordai-vos de duas coisas. Primeira: que os filhos de Israel permaneceram quarenta anos no deserto antes de chegarem à terra da morada que lhes fora prometida, embora seis semanas fossem suficientes para fazer toda a viagem muito comodamente. E não lhes foi permitido inquietar-se pelo fato de Deus obrigá-los a fazer tantos giros e conduzi-los através de caminhos tão difíceis; e todos os que murmuraram, morreram antes de chegar à meta. Segunda: que Moisés, o maior amigo de Deus entre aquela multidão, morreu no limiar da terra do seu repouso, contemplando-a com os olhos, mas sem poder dela gozar. Ó, agradasse a Deus que não nos preocupássemos tanto com as condições do caminho que percorremos, mas tivéssemos os olhos fixos n’Aquele que nos conduz e em seu felicíssimo país para o qual nos guia! Que nos deveria importar se caminhamos por desertos ou através dos campos, quando Deus está conosco e caminhamos para o Paraíso?”<sup>100</sup>

a) “Cheio de ciência”

Não é fácil entender antecipadamente o requisito de o diretor espiritual “estar cheio de ciência” em vista do bem espiritual das pessoas que ele deve servir, sabendo ainda que o verdadeiro guia espiritual é Deus. Fica-se realmente desconcertado ao ouvir o juízo que o próprio S. Francisco de Sales expressou sobre um sacerdote religioso, tido por ele como incapaz de guiar espiritualmente as pessoas:

“Dados os limites de seus conhecimentos, ele tem uma discreta prática dos casos de consciência; mas, dado que ele não tem aquele delicado discernimento

<sup>100</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 18 février 1605, in *OEA XIII*, 5.

que seria exigido, não percais tempo escutando seus conselhos. Podeis, porém, confessar-vos com ele, tanto vós como os demais”.<sup>101</sup>

Quando sublinhamos que para um diretor espiritual “estar cheio de ciência”<sup>102</sup> é condição sem a qual não pode realizar a sua missão de guia espiritual, significa que suas possibilidades efetivas e a competência de acompanhar espiritualmente são aquelas que lhe permitem agir sob a orientação de Deus.

Ninguém, porém, ousaria negar em S. Francisco de Sales a presença do requisito “cheio de ciência”. Além do mais, não há provas de qualquer incompetência sua na direção espiritual. Dele, causa maior admiração o contrário, não se sabendo quando pôde estudar a Bíblia sistematicamente, para conhecê-la, interpretá-la, aplicá-la com tanta agilidade; quando pôde ler os doutores da Igreja, os teólogos, os autores espirituais, para servir-se deles com surpreendente abundância.

Admira igualmente quando, poucos anos após iniciar o ministério da direção espiritual, o ouvimos apelar para sua experiência. Sabemos que como pessoa humilde que era não teria sido capaz de ostentar os seus sucessos. Por outro lado, não é novidade que ao falar de experiência, ele tinha em conta todo o ministério sacerdotal que exercera desde o início em favor dos fiéis. Vemos o quanto se sentia discípulo da escola da experiência pastoral, quando convida um de seus dirigidos à constância em nutrir-se do sacramento da Eucaristia:

“Nos vinte e cinco anos desde que estou a serviço das almas, a experiência fez-me tocar com a mão a virtude onipotente deste divino Sacramento que fortifica os corações no bem, imuniza-os contra o mal, consola-os e, numa palavra, diviniza-os neste mundo, naturalmente, desde que seja recebido com fé, pureza e devoção convenientes”.<sup>103</sup>

<sup>101</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 25 juin 1608, in *OEA XIV*, 36.

<sup>102</sup> S. Francisco de Sales falou especificamente dos riscos que a ciência pode causar quando não é acompanhada da caridade e da humildade, ao receber a notícia de que um de seus padres, sobrinho do bispo seu predecessor na diocese de Genebra, havia apostatado da Igreja católica unindo-se à anglicana. “Ó, quanto é perigosa a ciência, por maior que seja, quando age sem a caridade e a humildade! E quanto mais perigosa se torna quando é limitada e arrogante! O pobre jovem sempre teve, como o sabeis, um espírito muito audacioso e sempre foi muito pouco amado”, Carta à *la mère de Chantal*, [sans lieu], 22 novembre 1620, in *OEA XXI*, 178. Esta Carta é um fragmento da Carta à *la mère de Chantal*, Annecy, 22 novembre 1620, in *OEA XIX*, 387-389. Sobre a dor que S. Francisco de Sales experimentou pela decisão do sacerdote apóstata, cf. outras duas cartas escritas no mesmo dia à *amonseigneur Jean-François de Sales, son frère évêque nommé de Chalcédoine*, Annecy, 21 novembre 1620, in *OEA XIX*, 381-384. 384-397.

<sup>103</sup> Carta à *la Duc de Bellegarde*, Annecy, 24 août 1613, in *OEA XVI*, 57-58.

Entre suas cartas de direção espiritual seria impossível encontrar respostas apressadas, sem profundidade espiritual. Vendo o entusiasmo com que respondia às cartas de seus filhos/as espirituais, tem-se muitas vezes a impressão de que ele não tivesse outra coisa a fazer senão se ocupar deles. Só em raros casos ele acenava à questão do tempo, que lhe impunha rapidez e brevidade nas respostas que dava. Entre essas cartas, não faltam muitas delas cheias de sabedoria, próprias dos bons pastores e guias espirituais ricos de experiência. Evoco rapidamente duas situações:

“[...] vossa imaginação vos sugerira a ideia de uma perfeição absoluta à qual vossa vontade desejava chegar; mas, assustada pela grande dificuldade, ou melhor, pela impossibilidade de alcançá-la, sentia-se como aquela que está próxima do parto, mas não pode dar à luz. [...] Concedei-vos agora, portanto, uma pequena pausa; [...]. Considerai como suspeitos todos os desejos que, segundo o parecer das pessoas de bem, não podem ser realizados. Trata-se dos desejos de uma perfeição cristã que pode ser imaginada, mas não praticada, e que muitos podem ensinar com as palavras, mas ninguém sabe ensinar com os fatos”.<sup>104</sup>

“Eu vo-lo digo, Senhora, e vo-lo escrevo agora: não quero, em absoluto, uma devoção fantástica, turbulenta, melancólica, introvertida e triste, mas uma devoção doce, suave, agradável, pacífica e, numa palavra, uma piedade extremamente franca, que se faça amar por Deus em primeiro lugar, mas também pelos homens”.<sup>105</sup>

#### b) “Cheio de prudência”

Vemos como lógico que a prudência, que para nós significa ser equilibrado, não precipitado, cauteloso nos julgamentos ou nas avaliações, seja uma das três qualidades fundamentais do diretor espiritual. Como consequência, não nos é fácil perceber o sentido do pronunciamento de S. Francisco de Sales quando diz: “Eu não sou muito prudente; e, ainda mais, a prudência é uma virtude que não amo muito. Amo-a apenas por força, porque é necessária, antes muitíssimo necessária. Prefiro proceder livremente, ao abrigo da Providência de Deus. De fato, não sou absolutamente simples, mas amo a simplicidade de um amor indizí-

<sup>104</sup> Carta à mademoiselle de Soulfour, Annecy, 22 juillet 1603, in *OEA* XII, 202-203.

<sup>105</sup> Carta à Madame De Limojon, Annecy, 28 juin 1605, in *OEA* XIII, 59.

vel”.<sup>106</sup> Esta consideração sobre a prudência não é fato isolado. Em seus escritos, encontram-se outros momentos nos quais ele tem uma atitude crítica. Embora pareça ser contra a prudência ele é, na verdade, apenas contra um determinado tipo de prudência.

A prudência como tema destinado aos diretores espirituais não está presente em seus escritos. Este argumento, todavia, está presente quando ele acena aos seus modos pessoais de percebê-la e vivê-la, ou quando instrui as Irmãs da Visitação sobre o modo de agir em determinadas situações. Como consequência, o diretor espiritual, para ter um confronto com o espírito de S. Francisco de Sales do ponto de vista do requisito “estar cheio de prudência” deveria colocar-se primeiramente em busca deste seu magistério e, depois, escutá-lo.<sup>107</sup>

Conhecemos os termos com que S. Francisco de Sales considerava o valor da virtude da prudência através das intervenções feitas nos encontros de formação com as Irmãs da Visitação:

“[...] existem dois tipos de prudência, ou seja, a natural e a sobrenatural. Quanto à natural, é preciso mortificá-la, enquanto não é completamente boa, porque nos sugere muitas considerações e previsões não necessárias, que mantêm os nossos espíritos muito longe da simplicidade. A verdadeira virtude da prudência deve ser realmente praticada, enquanto é como sal espiritual, que dá gosto e sabor a todas as outras virtudes... [viver segundo o espírito da prudência significa] ter uma confiança completamente simples que nos faça permanecer tranquilos nos braços do Pai celeste [...]”.<sup>108</sup>

A distinção entre prudência natural e sobrenatural é expressa, algumas vezes, como prudência segundo a carne e segundo o espírito.

Fazendo agora uma leitura de cada uma das situações verificadas no interior do Instituto da Visitação, queremos evocar algumas delas em que S. Francisco de Sales exprime suas reservas pelo tipo de prudência. Um primeiro fato refere-se à admissão ou não admissão à profissão religiosa de uma candidata com problemas relacionados ao equilíbrio emocional. Neste caso, madre de Chantal

<sup>106</sup> Carta à la baronne de Chantal, Viuz-en-Sallaz, 24 juillet 1607, in *OEA XIII*, 303-304.

<sup>107</sup> Aqui, merece atenção: *Fragments sur les vertus cardinales et morales 1614 e*, de modo particular: *Comme l’amour imploie les vertus cardinales et premierment la prudence*, in *OEA XXVI*, 44-54.

<sup>108</sup> Douziesme Entretien. *De la simplicité et prudence religieuse*, in *OEA VI*, 221-222.

consultou um padre jesuíta, amigo de S. Francisco de Sales, submetendo depois o resultado ao juízo do Fundador. Qual foi o seu parecer?

“Compartilho plenamente o vosso parecer e o do nosso bom P. Binet [...]. Uma jovem pode ser de índole má o quanto se queira, mas, quando nas linhas essenciais de sua conduta ela age segundo a graça e não segundo a natureza, merece ser acolhida com amor e respeito como templo do Espírito Santo. Lobo por natureza, mas ovelha por graça [...]; eu temo tremendamente a prudência natural nos juízos sobre as coisas da graça; e a prudência da serpente, se não estiver unida à simplicidade da pomba do Espírito Santo, é totalmente venenosa”.<sup>109</sup>

Outros dois fatos referem-se à decisão tomada por ele como fundador, com que pediu ao Instituto um sacrifício de sabor heroico:

“Será, agora, meu firme parecer que não se deixe de admitir na Congregação as filhas enfermas, excetuando-se as enfermidades que são expressamente recordadas nas Regras. Mas não é essa a enfermidade desta filha que não pode fazer uso das pernas, porque, mesmo sem as pernas, ela pode realizar todos os exercícios essenciais da Regra: obedecer, rezar, cantar, observar o silêncio, costurar, comer e, sobretudo, ter paciência com as Irmãs que a transportam quando não estiverem logo dispostas e prontas a fazer este gesto de caridade. Será preciso, de fato, que suporte muitas vezes as que a transportarão se estas não forem, por sua vez, transportadas pelo espírito de caridade. Se, portanto, ela não for aleijada no coração, não vejo razão que impeça a sua admissão; e mais, amo esta jovem filha com toda a minha alma”.<sup>110</sup>

Era do mesmo teor o seu parecer dado a outra superiora do Instituto:

“A jovem que tem um braço curto deve ser admitida se não tiver o cérebro curto, porque tais deformidades exteriores não são nada aos olhos de Deus”.<sup>111</sup>

Acrescente-se outro fato a estes, doloroso, da história da Visitação. Ele fala das dificuldades causadas às Irmãs da Visitação por alguns habitantes de Nevers, depois de as Irmãs terem ali se estabelecido há pouco. Após a calorosa recepção das Irmãs à sua chegada, o tempo de serenidade durou pouco. Uma hostilidade

<sup>109</sup> Carta à la mère de Chantal à Paris, Annecy, 5 ou 6 juillet 1620, in *OEA* XIX, 264-265.

<sup>110</sup> Carta à la mère de Chantal à Bourges, Paris, 19 janvier 1619, in *OEA* XVIII, 346.

<sup>111</sup> Carta à la mère de Montoux, supérieure de la Visitation de Nevers, Annecy, 9 novembre 1620, in *OEA* XIX, 379.

aberta contra as Irmãs, que explodiu com grande intensidade, chegou a tal ponto que não havia mais novas vocações. Vejamos de quanto espírito evangélico estão embebidas as palavras de encorajamento de S. Francisco de Sales escritas às Irmãs, convidando-as a terem confiança em Deus:

“Louvo a Deus [...] pelo fato desta pobre e pequena comunidade de servas da divina Majestade ser muito caluniada. É certo que deploro os pecados dos caluniadores, mas a afronta que recebestes é um dos melhores sinais da aprovação do céu. É para que nós pudéssemos entender este segredo: de quantos modos o nosso próprio Salvador foi caluniado! [...]”.<sup>112</sup>

“Como é doloroso [...] observar os efeitos da prudência humana nas almas sobre as quais me escreveis! [...]. Ó, como tudo isso está longe da pura caridade, que não é invejosa, não se vangloria e não busca o próprio interesse! [...]. Esta prudência é contrária àquele doce repouso que os filhos de Deus devem encontrar na Providência celeste”.<sup>113</sup>

Os fatos e as decisões que estamos revendo seguem o modo de S. Francisco de Sales entregar-se a Deus apesar das sugestões que poderiam vir do “bom-senso”. Eis como se expressou sobre este seu modo de agir:

“[...] tomei algumas decisões muito importantes: repousar inteiramente em Deus, seguir tranquilamente a sua Providência e não ter grande consideração pela prudência natural, especialmente nas coisas que dependem da graça celeste como são as vocações de nossas Irmãs, a ereção das casas, o seu governo”.<sup>114</sup>

### **4.3. Francisco de Sales, diretor espiritual carismático**

Inspirando-se no magistério e no testemunho de S. Francisco de Sales, os diretores espirituais não deveriam ter dificuldade em perceber que são chamados por Deus não como simples “indicadores do caminho”. Antes de propor itinerários de santidade para os outros percorrerem, deveriam saber que, segundo a es-

<sup>112</sup> Carta à la mère de Montoux, supérieure de la Visitation de Nevers, Annecy, mars-mai 1621, in *OEA XX*, 65.

<sup>113</sup> Carta à la mère de Montoux, supérieure de la Visitation de Nevers, Annecy, 24 juillet 1621, in *OEA XX*, 109.

<sup>114</sup> Carta à une Supérieure de la Visitation, [1621-1622], in *OEA XXI*, 130-131.

piritualidade cristã, esses itinerários existem para serem trilhados também pelos próprios diretores espirituais.

Esta exigência impõe-se pela lógica do significado da santidade. Ela nos une a Cristo no viver os seus mistérios, no fazer nossas as suas atitudes, os seus pensamentos, os seus comportamentos. Iniciar o itinerário de santidade quer dizer modelar toda a nossa vida na vida de Cristo sob a guia do Espírito Santo. Como consequência, a medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós. A santidade não é, principalmente, fruto do esforço humano embora assim possa parecer. É Deus que em Cristo nos faz santos mediante a ação do Espírito Santo que em nós opera e nos transforma.

Para entender S. Francisco de Sales homem batizado, crismado, ordenado sacerdote e bispo, é necessário ouvi-lo falar sobre a sua relação pessoal com Deus e como deveria ser a dos outros:

“Deus seja sempre o vosso coração, o vosso espírito e o vosso repouso [...]”.<sup>115</sup>

“[...] pertencemos a Deus e a Deus somente porque, fora d’Ele e sem Ele, não queremos nada, nem a nós mesmos que, fora d’Ele e sem Ele, somos verdadeiros nada”.<sup>116</sup>

“A Deus, portanto, pertencemos para sempre, sem fim, sem medida e sem reservas”.<sup>117</sup>

“[...] Quando acontecerá que busquemos tão somente a Deus? Ó, quão afortunados seremos quando chegarmos a esse ponto! Então, teremos em todos os lugares o que procuramos, e procuraremos em todos os lugares o que temos. Deus vos faça crescer sempre mais no seu puro amor [...]”.<sup>118</sup>

O adjetivo “carismático”, no título deste parágrafo, em relação a S. Francisco de Sales diretor espiritual significa, segundo o sentido teológico da palavra, favorecido por um dom especial de Deus para servir as pessoas em seu itinerário espiritual. Ninguém, nem por iniciativa própria nem pelo mérito de dons naturais, pode ser carismático ou mais carismático. No caso de S. Francisco de Sales, con-

<sup>115</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, 21 novembre 1604, in *OEA* XII, 389.

<sup>116</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Annecy, fin avril ou 1er mai 1607, in *OEA* XIII, 287.

<sup>117</sup> Carta à *la baronne de Chantal*, Thonon, 7 juillet 1607, in *OEA* XIII, 296.

<sup>118</sup> Carta à *la mère de Blonay, supérieure de la Visitation de Lyon*, Annecy, 2 février 1622, in *OEA* XX, 265.

tribuíram ao mesmo tempo para sua grandeza de diretor espiritual os seus dotes naturais, as virtudes morais adquiridas, a graça que lhe foi concedida por Deus para a missão de pastor e diretor espiritual.

Consideramo-lo diretor espiritual carismático no sentido da concepção da cura de almas que se tem desde os tempos de S. Gregório Magno. Este, na *Regra Pastoral*, ocupa-se não da direção espiritual como tal, mas dos homens chamados ao ministério pastoral que, em relação ao próprio ministério, deveriam estar cientes de “que o governo das almas é a arte das artes [“*ars artium*”]”.<sup>119</sup> O nível elevado de qualidades no exercício deste ministério depende justamente da santidade evangélica de cada pastor. O caráter carismático do ministério de direção espiritual de S. Francisco de Sales, pensemos, foi autorizadamente confirmado com o juízo que o definia “*sapientíssimo diretor de almas*”.<sup>120</sup>

Tendo inteligência elevada e personalidade genial, S. Francisco de Sales pôde obter sucessos na direção espiritual graças à sua profunda fé, ao seu intenso amor por Deus, à sua reta consciência e ao seu zelo apostólico dinâmico. Ser diretor espiritual carismático significa, nele, ter sido capaz de fazer com que as pessoas sentissem em suas vidas a presença do Deus-Amor.

O adjetivo “carismático”, no caso de S. Francisco de Sales diretor espiritual, também mostra claramente outra consequência. O diretor espiritual nunca será carismático só por escrever livros de direção espiritual apreciados pelos leitores. É necessário que, como homem de Deus, ele entre em contato direto com as pessoas, ajudando-as, uma a uma, segundo suas reais possibilidades de crescimento espiritual.

A figura de S. Francisco de Sales diretor espiritual carismático não permite que o seu modo de dirigir espiritualmente e o seu sucesso nesse campo sejam interpretados como capacidade de levar as pessoas para o seu lado, ou de suscitar estima e simpatia em relação a si, nem impressionar os outros. Os motivos são muitos, mas o principal é expresso nesta sua confiança:

---

<sup>119</sup> “*Ars est artium regimen animarum*” é a qualificação do ministério dos eclesiásticos com que Gregório Magno nos introduz na Parte Primeira, intitulada “Requisitos do pastor de almas” da sua *Regula Pastoralis*.

<sup>120</sup> Com o Breve Apostólico “*Dives in misericordia Deus*” de 16 de novembro de 1877, Pio IX ao declarar S. Francisco de Sales Doutor da Igreja, ressaltava que há tempo os Papas bebiam da sabedoria do novo doutor: “Bento XIV, de santa memória, concordando com seus Predecessores, não hesitou em afirmar que os livros do Bispo de Genebra eram escritos com doutrina divinamente recebida; bebendo do seu pensamento resolveram questões difíceis, e o definiu *sapientíssimo diretor de almas*”, *OEA* I, p. XVII-XVIII.

“Uma quantidade de almas recorre a mim, para saber como é preciso servir a Deus. Ajudai-me muito com as vossas orações, porque, quanto ao ardor, sinto-o mais forte do que nunca; mas, vede, lançam-se em meus braços e sugam-me o seio muitos filhos, de tal forma que, se o amor de Deus não me revigorasse, perderia toda capacidade de nutri-los”.<sup>121</sup>

S. Francisco de Sales é tido por muitas pessoas como exemplo de bondade e mansidão. Para interpretar corretamente essa sua característica não se deve esquecer ou calar-se sobre a presença de alguns momentos em sua vida nos quais precisou assumir uma posição clara para exprimir a própria desaprovação de modo decidido. Ele sempre sabia apresentar essas reações como necessidade para advertir as pessoas sobre o desacordo que fora criado entre sua vida e o Evangelho ou para defender a glória de Deus e o bom nome da Igreja.

Para poder apreciar estes seus modos decididos, justamente porque era diretor espiritual carismático, seria útil reler a carta inteira que ele escreveu a uma comunidade religiosa que precisava urgentemente de renovação espiritual. Desta carta, apresento o trecho que permite vê-lo quando reage a uma desordem em contraste com o espírito religioso:

“[...] foi-me referido que há em vossa casa pequenas pensões pessoais e pequenas propriedades das quais as doentes não gozam de igual maneira, que as sadias recebem suplementos especiais de alimentos e de roupas, do que não têm necessidade, e que suas comodidades e recreações não são muito devotas. Foi-me referido tudo isso e muitas outras coisas que são suas conseqüências [...]. Minhas boas irmãs! Deveis limpar a vossa casa de todos os defeitos que, sem dúvida, são contrários à perfeição da vida religiosa”.<sup>122</sup>

A esta história, acrescenta-se um caso incomum relativo a uma professa num mosteiro de clausura que ali estava não por vocação, mas por imposição dos pais. A leitura da *Introdução à vida devota* encorajou-a a procurar conhecer pessoalmente o novo Instituto de vida religiosa, fundado por S. Francisco de Sales. Chegando à Visitação para o primeiro contato, suas ligações prolongaram-se por oito anos. As dificuldades para obter a dispensa pontificia dos votos anteriormente emitidos foram a causa principal, mas não a única, pela qual não se tornou

<sup>121</sup> *Fragments de Lettres à sainte Jeanne-Françoise de Chantal 1604-1622*, in *OEA XXI*, 182.

<sup>122</sup> *Carta aux Religieuses du Monastère des Filles-Dieu*, Sales, 22 novembre 1602, in *OEA XII*, 139.

membro efetivo do Instituto da Visitação. Ela é recordada na história do Instituto pela colaboração dada para abrir novas casas da Visitação, pelas interferências na vida dessas casas, pelas condições que projetava apresentar caso pudesse ser acolhida no Instituto. Ao mesmo tempo, estava combatendo, com intermináveis processos judiciais, uma causa em vista de melhor tratamento econômico que desejava obter dos próprios familiares. A reação de S. Francisco de Sales chegou depois de muitos anos de paciência.

“Quantas duplicidades, quantos subterfúgios, quantas palavras seculares e, talvez, mentiras, quantas pequenas injustiças, edulcoradas e bem encobertas, quantas bem camufladas calúnias ou ao menos semicalúnias são usadas na confusão dos processos e dos procedimentos legais! [...] Deixai, deixai aos mundanos o seu mundo! Devendo apenas passar por este mundo, do que precisais? Dois mil escudos, e até menos, serão mais do que suficientes para uma filha que ama a nosso Senhor crucificado [...]. Minha filha caríssima: eu bem sabia que a vossa piedade é tão piedosamente humana, que serve de trampolim para o amor próprio. Na prática, não amamos as cruces, se não forem de ouro e cravejadas de pérolas e esmeraldas. É uma humilhação muito rica, embora devotíssima e admiravelmente espiritual, ser considerada como fundadora ou ao menos benfeitora numa comunidade religiosa. Nestas condições, Lúcifer teria aceitado permanecer no céu [...]”.<sup>123</sup>

Deve-se atribuir um valor carismático também às respostas dadas a uma noviça que, encontrando-se distante alguns quilômetros de S. Francisco de Sales, queria tê-lo como diretor espiritual:

“[...] quando em vós surgirem dúvidas quanto ao caminho que começastes a percorrer, recomendo-vos a não ter-me como referência, porque eu estou tão distante de vós, que não vos posso assistir, obrigando-vos a afadigar-vos por longo tempo. Não faltam, certamente, padres espirituais que vos possam ajudar: recorrei a eles com confiança. Não o digo pelo desejo de não receber vossas cartas que, ao contrário, me dão muita consolação [...]”.<sup>124</sup>

“[...] peço-vos para crer fielmente que a ideia que formastes de não querer receber qualquer conforto de Deus, a não ser através de minha pessoa, é pura

<sup>123</sup> Carta à madame des Gouffiers, Annecy, commencement de mai 1621, in *OEA XXI*, 72-73.

<sup>124</sup> Carta à la sœur de Soulfour, novice au monastère de Filles-Dieu, Annecy, 16 janvier 1603, in *OEA XII*, 169-170.

tentação daquele que procura induzir-nos a fixar a nossa atenção em objetos distantes para impedir-nos de usar os que temos por perto [...]. Não se devem desejar coisas impossíveis e incertas. Não basta crer que Deus nos possa ajudar com todos os tipos de instrumentos; é preciso crer também que Ele não quer usar, para ajudar-nos, os que colocou longe de nós, mas os que estão perto de nós. Enquanto permanecesstes assim, não desaprovava vosso modo de pensar; mas agora, devo dizer que está totalmente fora de lugar”.<sup>125</sup>

## 5. CONCLUSÃO

Embora considerando que a experiência da direção espiritual de S. Francisco de Sales é muito pessoal e limitada a um determinado número de pessoas, e que faltam estudos profundos sobre este âmbito da sua atividade, creio que se possa colocar um duplo questionamento:

- em que medida ele indicou o modo de fazer direção espiritual?
- em que medida a sua ação e o seu magistério neste âmbito do ministério da Igreja constituíram ou não um divisor de águas na história da direção espiritual, a ponto de poder falar de antes e depois de S. Francisco de Sales?

Segundo o que recolhemos durante a leitura da pessoa do diretor espiritual em S. Francisco de Sales, creio que é lícito fazer uma hipótese sobre a sua contribuição para a história da direção espiritual, mesmo que ainda seja preciso esperar muito tempo para se ter uma resposta fundamentada.

Uma contribuição séria para o conhecimento da figura de S. Francisco de Sales diretor espiritual poderia ser dada pela leitura completa da sua personalidade do ponto de vista psicológico. Infelizmente, essa leitura não foi feita até agora. O material para tais pesquisas, sem dúvida, seria consistente.

Mesmo não tendo a competência exigida para tal leitura, permito-me fazer, como observador atento, algumas considerações gerais, para sustentar a ideia desta chave de leitura de S. Francisco de Sales diretor espiritual.

Quanto ao seu espírito e estilo de relação com as pessoas, não só com aquelas em direção espiritual, nota-se logo que essas relações distinguiam-se por afetos intensos e estáveis. Como confirmação deste juízo, seria possível citar os

<sup>125</sup> Carta à mademoiselle de Soulfour, Annecy, [avril-mai] 1603, in *OEA* XII, 181.

seus modos de colocar-se diante de pessoas simples e de pessoas dos mais elevados níveis da escala social.

Jamais uma atitude de superioridade, nem de submissão psicológica, nem de insegurança. S. Francisco de Sales não era alguém que, com seus modos de viver e agir, estando continuamente em contato com as pessoas e seus problemas, muitos e inéditos, copiasse dos outros os seus modos de viver e agir. Ele tinha uma personalidade nada frágil. Distinguiu-se sempre pelo modo de ser dinâmico e capaz de equilíbrio interior. É o exemplo de uma personalidade propensa a seguir ao mesmo tempo os sonhos e a realidade da vida concreta; uma personalidade atenta à verdade cujo autor é Deus-Amor; uma personalidade atenta ao bem espiritual do próximo.

S. Vicente de Paulo, em sua deposição no processo de beatificação de S. Francisco de Sales, disse:

“Repassando no meu espírito as palavras do Servo de Deus, experimentei tal admiração que era levado a ver nele o homem que melhor reproduziu o Filho de Deus vivo na terra. Aquilo que potenciava a minha admiração era ver um personagem tão grande e tão considerado como ele, ocupado nos negócios mais difíceis de que obrigatoriamente devia ocupar-se, estar disposto a entregar-se, e por longo tempo, a todas as pessoas, sem se preocupar com suas condições humildes, não economizando nenhum esforço enquanto não as tivesse satisfeito, porque ele respeitava a tal ponto a paz e a tranquilidade da alma”.<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> Roger Devos (ed.), *Saint François de Sales par Les Témoins de sa vie. Textes extraits des Procès de béatification* choisis et présentés par..., Gardet Éditeur Annecy 1967, 263-264.